

GRAMATICALIZAÇÃO DAS FORMAS *ESTAR*, *SER*, *ANDAR*,
IR, *VIR* + *GERÚNDIO*. BREVE PERCURSO POR TEXTOS DOS
SÉCULOS XIII A XVI – USOS, SENTIDOS E VALORES

Carla Abreu Vaz

Pretendemos, no presente estudo, compreender de que modo as formas *estar*, *ser*, *andar*, *ir*, *vir* seguidas de *gerúndio* sofreram um processo de gramaticalização¹ que as terá feito evoluir de um sentido primevo para um outro distinto já desse sentido primordial. Deste modo, o objectivo primaz da nossa análise será o de averiguar, com base em textos medievais², a ocorrência ou não da gramaticalização de formas que, por ora, para simplificarmos, denominaremos *V [x] + Ger.* (uma forma verbal frequentemente com determinação de pessoa/tempo/... seguida de uma forma verbal em *-ndo*, o chamado *gerúndio*)³.

Intentaremos apurar quando e em que contextos um verbo com sentido pleno, como é, por exemplo, o caso de *andar* (“eu ando”: dou passos, caminho, movo-me, percorro, etc.), terá perdido a sua significação própria (a de caminhar) e, pela proximidade com outras formas como “lendo” em “ando lendo” (*V [andar] + Ger.*), deixa de ter o sentido que referimos mais o sentido que é

¹ Sobre este tema, consultem-se as seguintes referências: Paul J. HOPPER, Elizabeth Closs TRAUOGOTT, *Grammaticalization*, Cambridge, Cambridge University Press, 1993; Ekkehard KÖNIG, Elizabeth Closs TRAUOGOTT, “The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited”, em Elizabeth Closs TRAUOGOTT, Bernd HEINE (eds.), *Approaches to Grammaticalization*, Amsterdam, John Benjamins, 1991, vol. I, p. 189-218; Elizabeth Closs TRAUOGOTT, “From Propositional to Textual and Expressive Meanings: Some Semantic-Pragmatic Aspects of Grammaticalization”, em Winfred P. LEHMANN, Yakov MALKIEL (eds.), *Perspectives on Historical Linguistics*, Amsterdam, John Benjamins, 1982, p. 245-271; Elizabeth Closs TRAUOGOTT, “Subjectification in Grammaticalisation”, em Dieter STEIN, Susan WRIGHT (eds.), *Subjectivity and Subjectivisation*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, p. 37-54.

² Reunimos uma selecção de textos, em registo escrito, dos séculos XIII a XVI, passando pelo século XX.

³ Mais adiante, aprofundaremos a análise particular destas formas e tentaremos a adopção de uma terminologia acurada e apropriada aos nossos propósitos e ao nosso pensar.

acrescentado pelo verbo *ler* e adquire um sentido de conjunto que não é parafraseável por “leio enquanto ando” ou por “ando enquanto leio”. O que ocorre é que o verbo *andar* serve, agora, de auxiliador⁴ do verbo *ler* para aportar um sentido de actualidade e reforçar o sentido de continuidade que a forma de *gerúndio*, em “lendo”, acarreta *de per si*.

Existindo já estudos consideráveis acerca do *gerúndio*, seus usos e sentidos, e acerca das perífrases verbais com *gerúndio* (*V [x] + Ger.*) – que surgem, frequentemente a par e em contraposição com as perífrases verbais com infinitivo (*V [x] + prep.*, mais usualmente *a + Inf.*) –, parece-nos haver ainda poucos trabalhos, perspectivados diacronicamente, que visem a análise específica e a averiguação da ocorrência de processos de gramaticalização no português, tomando como objecto de estudo as chamadas perífrases verbais com *gerúndio*⁵, no sentido de averiguar quais as formas que mais facilmente teriam sofrido a gramaticalização; quais as formas mais resistentes; quais aquelas que sofreram a gramaticalização plena; quais os cambiantes de sentido; o que se ganha em informação ou não com o uso da perífrase em oposição ao uso da forma simples, etc. Estas são questões que consideramos importantes e que tentaremos equacionar ao longo da análise que nos propomos realizar.

Para a materialização do presente estudo, construiremos um *corpus* de análise, tendo como base o “Corpus Informatizado do Português Medieval”⁶,

⁴ Abordaremos a temática da *auxiliaridade* mais à frente neste estudo.

⁵ Surgem alguns trabalhos no âmbito do estudo do *gerúndio*, dos seus sentidos e valores, do seu lugar no sistema verbal do português ou de outras línguas românicas, nomeadamente, no castelhano, embora não de forma sistematizada e aprofundada, mas como exemplo de mais um possível uso do *gerúndio*. Arrolamos, assim, alguns trabalhos que consideramos dignos de nota, mas que, quer por tratarem de aspectos não directamente relacionados com o nosso tema quer por não terem como objecto de estudo, exclusivamente, a língua portuguesa, não incidem directa e particularmente sobre o propósito do nosso estudo: Henrique BARROSO, *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo – visão funcional/sincrónica*, Porto, Porto Editora, 1994; José Luís MUÑOZ VALVERDE, *El gerundio en el español medieval (S. XII-XIV)*, Málaga, Ágora, 1995; Mário SQUARTINI, *Verbal Periphrases in Romance, Aspect, Actionality, and Grammaticalization*, Berlim, New York, Mouton de Gruyter, 1998; Alicia YLLERA, *Sintaxis histórica del verbo español: las perífrasis medievales*, Zaragoza, Departamento Filología Francesa, Universidad de Zaragoza, 1980.

⁶ Doravante CIPM. Este será, maioritariamente, o nosso *corpus* de eleição e o suporte para o presente estudo pelo facto de ser diversificado e de se encontrar em versão electrónica, permitindo, deste modo, uma procura mais rápida, mais eficaz e mais produtiva. O CIPM está disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/>. O CIPM é um *corpus* que, não obstante se encontrar em construção, possui já um número considerável de textos disponíveis *on-line* para consulta dos estudiosos. Tem como base textos editados, publicados até à data, de vários tipos

obtendo, deste modo, um rol de textos localizados cronologicamente entre os séculos XIII e XVI. Os procedimentos levados a cabo para a consecução das finalidades a que nos propusemos foram, em linhas gerais, os que explanaremos seguidamente. Pesquisámos na base de dados do CIPM de modo a encontrar todas as formas terminadas em *-ndo* presentes em cada texto. Depois desta pesquisa, fizemos uma triagem, preferencialmente, das formas que ocorrem *grosso modo* em vizinhança com outras formas verbais (ex.: “Andam ant’el chorando mil vegadas”⁷ / “como se queixou nom se queixar’ andando pela rua”⁸ / “E se se p(er)der no~ a leuando nen a carregando mays do q(ue) posera”⁹ / “E depois foron desaviindo(s) ambos”¹⁰). De entre as formas seleccionadas surgiram formas duvidosas (“E depois foron desaviindo(s) ambos”¹¹) que foram analisadas com precaução e, posteriormente, excluídas do *corpus* de estudo, de modo a não interferirem numa análise isenta e o mais fidedigna possível. Após todo este processo, obtivemos um *corpus* que incluirá formas de *gerúndio* que surgem independentes de outras formas verbais (“vencendo muytas lides e combatendo muytas villas e castellos”¹²) e formas de *gerúndio* que surgem em vizinhança ou em contiguidade com outras formas verbais (“An-

e géneros até ao século XVI. Esses textos encontram-se tratados informaticamente, datados, anotados, normalizados de acordo com critérios estabelecidos e bem especificados. Para um conhecimento mais alargado dos estudos em Linguística de *Corpora* e, em particular, deste *corpus*, leiam-se os seguintes artigos que esclarecem possíveis dúvidas quanto aos seus conteúdos e quanto à sua utilização, propriedades e potencialidades, e consulte-se a bibliografia neles recomendada: M. Francisca XAVIER, M. Lourdes CRISPIM, M. Graça VICENTE, “Português Antigo. Construção e Disponibilização de Recursos em Suporte Informático”, em *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2003, p. 859-867; Maria Francisca XAVIER, “*Corpora* e Estudos Linguísticos”, *ibidem*, p. 869-883; Maria Fernanda Bacelar do NASCIMENTO, “O lugar do *corpus* na investigação linguística”, *ibidem*, p.601-605; Maria Francisca XAVIER, Maria de Lourdes CRISPIM, “Das edições impressas às versões digitalizadas de textos medievais: o caso do CIPM”, em Ivo de CASTRO, Inês DUARTE, (Org.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 437-448.

⁷ Vide, em <http://cipm.fch.unl.pt/corpus/>, Cantigas de Escárnio e Maldizer, D. Dinis/ B 1533 (doc. CEM416).

⁸ Vide, em <http://cipm.fch.unl.pt/corpus/>, Cantigas de Escárnio e Maldizer, D. Dinis/ B 1537 (doc. CEM420).

⁹ Vide, em <http://cipm.fch.unl.pt/corpus/>, *Foro Real*, livro 3/título 17/fólio 123r.

¹⁰ Vide, em <http://cipm.fch.unl.pt/corpus/>, *Crónica Geral de Espanha*, capítulo 12/fólio 10a.

¹¹ Note-se que esta não é uma forma de gerúndio, mas uma forma participial.

¹² Vide, em <http://cipm.fch.unl.pt/corpus/>, *Crónica Geral de Espanha*, capítulo 51/fólio 19c.

dam ant’el chorando mil vegadas” / “foronssse chegando ataa que se viron as hostes”¹³).

É este o *corpus* que servirá de alicerce ao estudo no qual tentaremos perceber a gramaticalização das formas já mencionadas; será a partir deste que tentaremos perscrutar quais os graus, pois pensamos ser possível estabelecer diferentes níveis, de gramaticalização dessas formas e a sua progressiva evolução. Numa fase final, pensamos poder estabelecer algumas conexões com o português moderno, embora este estudo se centre, preferencialmente, no período compreendido entre os séculos XIII e XVI, como já referenciámos.

Direccionando o escopo concretamente para o nosso *corpus*, vejamos algumas questões, de ordem prática, que nos parece ser necessário esclarecer. Elaborámos, já o dissemos, tendo como base o CIPM, o nosso próprio *corpus* de estudo. Recorreremos aos excertos que considerarmos pertinentes para corroboração das propostas de análise e para o descortinar dos possíveis sentidos das perífrases verbais em observação. Cada excerto seleccionado está devidamente identificado, de forma a facilitar o seu reconhecimento¹⁴.

As considerações que ora serão protagonistas da nossa reflexão e preocupação linguísticas prender-se-ão, antes de mais, com questões terminológicas de pendor formal e teórico. Deste modo, vejamos quais os conceitos que será necessário explanar no contexto do nosso estudo. Ao falarmos de formas verbais do tipo *V [x] + Ger.*, estamos a afirmar que estas são formas compostas e não formas simples. Estas são conhecidas, vulgarmente, por perífrases verbais ou por locuções verbais. A ideia subjacente a tal rotulagem parece-nos advir da forma que tais estruturas apresentam e do valor que veiculam. Este tipo de construção apresenta uma estrutura complexa, composta, geralmente, por dois ou mais elementos que, quer do ponto de vista formal quer do ponto de vista semântico, funcionam como uma construção una e indivisível, veiculando, assim, um sentido de conjunto que não é igual à soma das várias partes, mas é, em si, uma unidade coesa com uma significação e sentidos próprios. Esta ideia

¹³ Vide, em <http://cipm.fch.unl.pt/corpus/>, *Crónica Geral de Espanha*, capítulo 61/fólio 23a.

¹⁴ Elaborámos um pequeno índice de abreviaturas que acompanhará o *corpus* (transcrevemo-lo por ordem de ocorrência): FR: *Foro Real*; v: verso; r: rosto; CEM: Cantigas de Escárnio e de Maldizer; VS: Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; CGE: *Crónica Geral de Espanha*; OE: *Orto do Esposo*; MC: *Memorial do Convento* [As referências da 1ª edição desta obra são: José SARAMAGO, *Memorial do Convento*, Lisboa, Caminho, 1982. Este texto foi digitalizado e, posteriormente, tratado por nós; as referências que indicamos dizem respeito à edição, em suporte de papel, que usámos: José SARAMAGO, *Memorial do Convento*, Lisboa, RBA (Editores Reunidos Lda), 1994]; p.: página(s).

leva-nos à explicitação de duas outras noções, a de gramaticalização e a de sintema, que consideramos importantes e que se relacionarão com a noção de perífrase verbal. A primeira é, segundo o pensamento de Elizabeth Traugott, na esteira de Lehmann entre outros estudiosos, o conjunto de mudanças linguísticas, pelas quais um item lexical, usado em contextos discursivos específicos, se gramaticaliza ou pelas quais um item gramatical se torna mais gramatical; o fenómeno da gramaticalização é gerado, precisamente, através do uso de itens lexicais, de construções ou de morfemas, em contextos discursivos específicos, altamente localizados¹⁵. A segunda, tomando as palavras de Jorge Morais Barbosa, diz respeito a um complexo constituído por dois ou mais monemas cujo comportamento sintáctico se identifica com o de um monema único, isto é, tem as mesmas compatibilidades deste, pelo que, uma vez constituído o sintema, nenhum dos monemas que o compõem pode ser individualmente determinado¹⁶. Tomamos, desta sorte, uma definição que cremos esclarecedora daquilo que pode entender-se por perífrase verbal:

“[...] uma construção que reúne, quase sempre, duas formas verbais: uma flexionada (morfemas de tempo, modo, voz, pessoa e número) e outra não flexionada (infinitivo, gerúndio ou particípio), constituindo um verdadeiro sintagma verbal, semântica, paradigmática e sintagmaticamente delimitado, e uma unidade constante aos níveis da “norma” e do “sistema” e que tem por função expressar uma modalidade, ou seja, um valor sistemático de natureza ou modal ou temporal, ou aspectual ou diatética”¹⁷.

A arquitectura das perífrases verbais é, usualmente, definida da seguinte forma: *V (aux.) + V (principal)*. Deste modo, os sintagmas verbais que nos ocuparão neste estudo são, de acordo com alguns autores¹⁸, compostos por um

¹⁵ Veja-se Elizabeth TRAUGOTT, “Grammaticalization and Lexicalization”, em R. E. ASHER (Editor-in-chief), J. M. Y. SIMPSON (Coordinating Editor), *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, Oxford et alii, Pergamon Press, 1994, vol. III, p. 1483.

¹⁶ Cf. Jorge Morais BARBOSA, “Sintemas Verbais Portugueses: *Ir* + ‘Infinitivo’ e *Haver de* + ‘Infinitivo’”, em *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXI, Coimbra, Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1996-1997, p. 229-239.

¹⁷ Vide Henrique BARROSO, *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo – visão funcional/sincrónica*, Porto, Porto Editora, 1994, p. 71.

¹⁸ Entre outros, distinguimos Henrique BARROSO, ob. cit.; Maria Helena Mira MATEUS et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2003; Anabela GONÇALVES, “Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do português europeu”, em Matilde MIGUEL, Telmo MÓIA, *Quatro estudos em sintaxe do português*, Lisboa, Edições Colibri, 1995, p. 7-50.

verbo auxiliar conjugado, veiculando as ideias de tempo, modo, pessoa e número, e um verbo principal numa das suas formas nominais (*particípio, gerúndio, infinitivo*). Desta sorte, enquanto o primeiro grupo constituirá um conjunto finito, o segundo será um conjunto, conjecturalmente, infinito¹⁹.

Para a investigação, concretamente, interessam as estruturas verbais complexas compostas, designadamente, por *V [estar, ser, andar, ir, vir] + Ger. [-ndo]*. Estes verbos são comumente designados de auxiliares. Contudo, não parece haver unanimidade relativamente à análise deste tipo de construção, mormente no que concerne à definição e resultante identificação dos chamados verbos auxiliares²⁰. Dado que os ditos verbos auxiliares são elementos fundamentais na configuração das estruturas que tencionamos estudar, será pertinente considerarmos alguns dos critérios, variáveis segundo os autores e as perspectivas teóricas, para a definição de *verbo auxiliar*. Por conseguinte, será necessário ter em conta o maior ou menor grau de gramaticalização sofrido pelo verbo auxiliar, pois este perde alguns dos traços sémicos que o distinguem enquanto verbo de “significação plena”²¹; será, também, relevante, como já referimos, a noção de que o complexo *V (auxiliar) + V (principal)* apresentará uma significação de conjunto, sendo mais do que a simples fusão do significado do *V (auxiliar) + o significado do V (principal)*²²; não é de descurar, ainda, no tipo de construção que nos ocupa, a existência de um sujeito único, pois,

¹⁹ Cf. Henrique BARROSO, ob. cit., p. 65. Esta ideia é já defendida por Bernard POTTIER no estudo sobre a *auxiliaridade* no castelhano. Veja-se, deste autor, *Linguística moderna y filología hispánica*, Madrid, Editorial Gredos, 1976, em especial o capítulo XVIII, “Sobre el concepto de *verbo auxiliar*”, p. 194-202. Cf., ainda, Rosa Virgínia Mattos e SILVA, *Estruturas trecentistas, elementos para uma gramática do português arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, p. 437-471, onde a autora, relativamente ao mesmo assunto, faz referência a um inventário restrito e a um inventário aberto de verbos que ocuparão determinado lugar nas estruturas em causa.

²⁰ Não é objectivo máximo desta análise discutir em profundidade teórica o conceito de verbo auxiliar; no entanto, julgamos pertinente lançar algumas linhas de reflexão sobre esta temática na medida em que as estruturas que pretendemos analisar são constituídas, inevitavelmente, por verbos que serão considerados auxiliares por determinados autores e por outros verbos que, certamente, não serão contemplados nesse rol.

²¹ Ex.: – *Gosto muito de Woody Allen. Tenho visto todos os seus filmes. I – Gosto muito de Woody Allen. Tenho todos os seus filmes.* Veja-se como um sema que caracteriza indubitavelmente o verbo *ter* (o traço semântico [+ posse]) se perde, no primeiro exemplo, com perífrase verbal, em que o verbo *ter* funciona como auxiliar do verbo *ver*.

²² Ex.: – *Estou a ver televisão. I – Estou vendo televisão. I – Descanso vendo televisão.* Não é possível parafrasear os dois primeiros exemplos por “estou e vejo”, no entanto, é, perfeitamente, lícito, em relação ao terceiro exemplo, dizer “eu descanso e vejo”.

embora surjam duas formas verbais, o sujeito a que estas reportam é um só²³. Para terminar, e porque já afirmámos não ser nosso intuito arrolar de forma exaustiva todos os critérios que permitam a identificação do verbo auxiliar, apontamos mais um critério que nos parece bastante significativo e que é a frequência de ocorrência destes elementos, na medida em que existem verbos que ocorrem de forma muito pontual como auxiliares em contraste com outros que surgem constantemente em contextos em que adquirem estatuto de verbo auxiliar.

Como vemos, é possível recorrer a variadas formas de testar, das quais só alistámos um pequeno número, a título de exemplo, para aferir o grau de *auxiliaridade* de determinados verbos. Contudo, apesar da complementaridade destes exercícios, tem sido muito custoso assentar uma lista de verbos auxiliares. Todavia, como frisámos anteriormente, não nos parece necessariamente relevante possuímos uma lista estabelecida de verbos auxiliares atestada e aprovada pelos diversos estudiosos. Para o actual estudo não é essa a questão essencial, dado que, independentemente de determinado verbo ser considerado tendencialmente mais ou menos auxiliar, importa notar o comportamento de ambos os verbos que formam o conjunto, ou seja, a perífrase verbal, e só depois interessará perceber se o verbo chamado auxiliar é, efectivamente, auxiliador do verbo principal, e por isso momentaneamente despojado de alguns semas, ou se, pelo contrário, continua revestido de todos os seus traços semânticos que fazem dele um verbo com sentido pleno. Antes, contudo, de nos abalancharmos na análise específica das chamadas perífrases verbais com *gerúndio*, teceremos algumas considerações sumárias acerca do *gerúndio*, dos seus usos e valores no panorama do sistema verbal português²⁴.

²³ Ex.: – *Estive a ver televisão. / – Ando a ver os filmes do Woody Allen.* Apesar de surgirem duas formas (*estive + ver / ando + ver*), estas remetem para um mesmo sujeito. Na verdade, o núcleo da significação é transmitido pela forma de *infinitivo* e é através desta que entendemos qual a acção praticada pelo sujeito. Ao contrário daquilo que, erroneamente, se poderia crer, a forma verbal que precede a de *infinitivo* não aponta para outra acção desse mesmo sujeito ou de outro sujeito, mas vem revestir de diferente tonalidade a acção veiculada pela forma de *infinitivo*.

²⁴ A exposição que pretendemos, nesta fase, não será exaustiva, na medida em que, apesar de ser importante conhecer os usos, sentidos e valores do gerúndio na língua portuguesa, esse não é o ponto fulcral deste estudo. Não descuramos, obviamente, que para o exame das perífrases verbais com gerúndio há que conhecer, precisamente, os seus usos, sentidos e valores. No entanto, não devemos esquecer que o objecto final da análise serão as perífrases verbais, isto é, um complexo verbal cujo sentido, temos vindo a reforçá-lo, não é já a soma dos sentidos de cada parte, mas um sentido uno e indivisível, um sentido de conjunto e não um sentido construído dos retalhos dos sentidos de cada forma *de per si*.

Na gramática de Celso Cunha e de Lindley Cintra, apresentam-se algumas propostas de entendimento dos usos e sentidos do *gerúndio*, observando que o *gerúndio* tem uma forma simples e outra composta e apresentando exemplos das possíveis ocorrências do *gerúndio* em contexto sintático²⁵. Said Ali, na sua gramática histórica²⁶, expõe também os contextos sintáticos em que o *gerúndio* pode surgir e os sentidos daí advindos. Na gramática de Evanildo Bechara²⁷, não existe uma secção que se debruce concretamente sobre o uso do *gerúndio*, mas as considerações acerca deste vão sendo feitas ao longo da secção que diz respeito, precisamente, ao estudo do *verbo*.

Expomos, de seguida, sumariamente, um pensamento que entendemos ser de ressaltar relativamente ao *gerúndio*, seus usos, sentidos e valores²⁸. Epifânio da Silva Dias diz o seguinte relativamente à origem da forma de *gerúndio* e à sua evolução para o português:

“A forma verbal em *-ndo* representa etymologicamente o ablativo do gerundio latino; herdou, porém, em parte, os empregos syntacticos não só do ablat. do gerundio, senão também, e principalmente, do participio presente latino.

²⁵ Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 13ª edição, Lisboa, Edições Sá da Costa, 1997, p. 487-491. Não obstante o facto de estas considerações nos parecerem insuficientes, do ponto de vista teórico, recorreremos, mais adiante, neste estudo, aos exemplos apresentados por estes autores para ilustrarem os sentidos passíveis de serem expressos pelo gerúndio.

²⁶ Manuel Said ALI, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramento, 6ª ed., 1966, p. 355-361.

²⁷ Evanildo BECHARA, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 37ª edição, 1999.

²⁸ Reforçamos que não vamos tocar em profundidade as possíveis questões teóricas que possam desenvolver-se à roda do estudo do *gerúndio*, na sua inclusão numa classe sintáctica, no seu comportamento sintático, nas suas compatibilidades ou incompatibilidades, etc. Notamos, uma vez mais, que nos importa, sobretudo, a compreensão dos seus sentidos para deste ponto partirmos para o estudo dos sentidos e valores das perífrases verbais com *gerúndio*. Assim, e para não repetirmos o que se encontra exposto em várias gramáticas, remetemos para as seguintes obras de reflexão metalinguística, de modo a dilucidar quaisquer questões: A. GRIVET, *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1881; Manuel Said ALI, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramento, 1966; Epiphânio da Silva DIAS, *Syntaxe Historica Portuguesa*, 5ª edição, Lisboa, Classica Editora, Imp. 1970; Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 13ª edição, Lisboa, Edições Sá da Costa, 1997; Evanildo BECHARA, *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição, revista e ampliada, Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 1999.

Além de entrar na conjugação periphrastica, o partic. em *-ndo*, ou se liga, como apposto, já ao sujeito, já a outra palavra substantiva da or., ou se junta a sujeito próprio, correspondendo com elle ao abl. absoluto latino”²⁹.

Temos, do ponto de vista formal, uma explicação bastante completa acerca do *gerúndio*. Enfatizamos a referência à herança dos usos sintácticos do participípio presente latino³⁰ e, particularmente, a sua participação na conjugação perifrástica. Registamos, sem comentar, porque achamos curiosa, a observação de Grivet respeitante à relação do *gerúndio* com o infinitivo e à sua inclusão num grupo específico:

“Desta exposição theorica, o que resalta, é que, por tudo quanto é essencial, os gerundios são verdadeiras fórmãs do infinitivo [...] os gerundios se portão frequentemente como adjectivos, ou, para fallar de conformidade com a nomenclatura desta grammatica, como *aposições* junto a um substantivo ou pronome: desta observação, e de sua origem verbal proveiu provavelmente o desacerto de sua classificação entre os participios”³¹.

Notemos que o uso das perífrases verbais com *gerúndio* é muito mais assinalado no português do Brasil do que no português europeu contemporâneo

²⁹ Epiphânio da Silva DIAS, *Syntaxe Historica Portuguesa*, 5ª edição, Lisboa, Classica Editora, Imp. 1970, p. 240.

³⁰ Vejam-se alguns exemplos que podemos encontrar no português actual como herança, precisamente, do participípio presente latino: *lente*<LEGENTE- (“aquele que lê”), part. pres. de LEGRE; *servente*<SERVIENTE- (“aquele que serve”), part. pres. de SERVIRE; *parturiente*<PARTURIENTE- (“aquela que dá à luz”), part. pres. de PARTURIRE; *paciente*<PATIENTE- (“aquele que padece”), part. pres. de PATI; *utente*<UTENTE- (“aquele que usa”), part. pres. de UTI; *intendente*<INTENDENTE- (“aquele que entende”), part. pres. de INTENDRE, *nubente*<NUBENTE- (“aquele que casa”), part. pres. de NUBRE, entre muitos outros (*docente, discente, falante, orante, edificante, cantante, presidente, pretendente...*) e confrontem-se com os seguintes: *baptizando, crismando, mestrando, alimentando, educando, confessando, graduando, magistrando, ordinando, vincendo*, etc. A estas formas sincrónicas subjaz a herança da sintaxe latina, como afirma Epifânio; em ambas as formas poderá vislumbrar-se, através da paráfrase que se faz de cada uma delas, as funções sintácticas em causa, veiculando a ideia de acção, de movimento, de processo, de duração... Diz Manuel Said Ali, referindo-se ao gerúndio, “[...] Tem aplicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do participípio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjetivo e substantivo”. *Vide Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramento, 1966, 6ª ed., p. 146.

³¹ A. GRIVET, *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1881, p. 343.

que privilegia as formas com preposição seguida de infinitivo³². Relevamos, também, a identificação semântica do *gerúndio* com os participípios, na medida em que é possível, como já vimos atrás com o participípio presente, estabelecer uma relação de sentido com o participípio passado³³. No entanto, apesar destas observações que consideramos válidas, parece-nos mais substancial a observação concreta e direccionada dos sentidos transmitidos através do uso do *gerúndio*, para compreendermos os seus sentidos nos textos que tencionamos examinar³⁴.

Tomemos algumas observações insertas em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*³⁵, onde se diz que o *gerúndio* anteposto à oração principal, colocado no início do período, exprime “uma acção realizada imediatamente antes da indicada na oração principal” ou “uma acção que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua”³⁶. Aposto

³² Considerem-se os exemplos: no português europeu – *Ando a ler Pessoa. / Estava a dormir quando o telefone tocou.*; no português do Brasil – *Ando lendo Pessoa. / Estava dormindo quando o telefone tocou.*

³³ Atente-se nas seguintes frases: “**Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu” / “**Ganhando** a praça, o engenheiro suspirou livre”. O *gerúndio* expressa uma acção realizada imediatamente antes daquela que é indicada na oração principal. Assim, vejamos como o uso do participípio com o *gerúndio* (a forma composta de *gerúndio*) é, de todo, possível, conseguindo-se o mesmo sentido: **Tendo proferido** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu. / **Tendo ganhado** a praça, o engenheiro suspirou livre. Encontramos estes exemplos em Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, ob. cit., p. 488 e seguintes.

³⁴ Temos vindo a falar dos usos, sentidos e valores do *gerúndio* e das perífrases verbais com *gerúndio* de uma perspectiva sincrónica, sem, contudo, esquecermos que é nosso objectivo o estudo das perífrases verbais com *gerúndio* no português medieval e o apuramento do seu grau de gramaticalização. Acreditamos, no entanto, que a partir de um determinado momento recuado no tempo os sentidos principais dessas perífrases se cristalizaram e continuaram até aos nossos dias, apenas com possíveis cambiantes, sem que isso transtorne, consideravelmente, os seus sentidos.

³⁵ Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, ob. cit., p. 487-491. Escolhemos esta gramática para representar a chamada gramática tradicional, sem que com isso queiramos fazer qualquer tipo de juízo positivo ou negativo a uma obra que consideramos de valor e que terá que ser vista e analisada à luz do seu tempo e dos seus objectivos. A gramática tradicional, em abstracto, nem sempre responde às necessidades teóricas que determinadas matérias suscitam. Contudo, relativamente a este assunto, parece-nos útil a informação que se recolhe na referida obra.

³⁶ Vejam-se os exemplos “**Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu”; “**Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo”, respectivamente. Cf. Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, ob. cit., p. 488.

ao verbo principal, o *gerúndio* corresponderá a um adjunto adverbial de modo³⁷ e, posposto à oração principal, indicará uma acção posterior, equivalendo, em muitos casos, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*³⁸; se antecedido da preposição *em*, o *gerúndio* marca a anterioridade imediata da acção com reportação à acção do verbo principal³⁹. O *gerúndio* pode, também, expressar a ideia de progressão indeterminada, principalmente com recorrência à sua repetição⁴⁰. Pode, ainda, o *gerúndio*, segundo a gramática que referenciámos, “combinar-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal”⁴¹. É este carácter, concretamente, que importa para a presente análise e é este aspecto que nos ocupará doravante. Por conseguinte, delineadas, em traços gerais, algumas questões que influirão na nossa investigação, será conveniente demorar algum tempo na observação dos verbos que acompanham as formas de *gerúndio* e que como já evidenciámos serão, especialmente, *estar*, *ser*, *andar*, *ir* e *vir*⁴². Detemo-nos, por ora, com maior pormenor, nas formas *estar* e *ser* e é delas que trataremos na secção seguinte deste estudo.

ESTAR e SER

Os verbos *estar* e *ser*⁴³ podem adquirir três estatutos diferentes. Esta parece-nos, no campo dos estudos linguísticos e gramaticais, uma questão con-

³⁷ Exemplo: “Chorou **soluçando** sobre a cabeça do cão”. Cf. Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, ob. cit, p. 488.

³⁸ Exemplo: “No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo” <=> *No quintal as folhas fugiam com o vento e dançavam no ar em reviravoltas de brinquedo*. Cf. Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, ob. cit, p. 489.

³⁹ Exemplo: “**Em** se lhe **dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade”. Cf. Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, ob. cit, p. 489.

⁴⁰ Exemplo: “**Viajando**, **vijando**, esquecia-se o mal e o bem”. Cf. Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, ob. cit, p. 489.

⁴¹ Vide Celso CUNHA, Luís F. Lindley CINTRA, ob. cit. p. 490.

⁴² Não relevaremos, neste ponto, o facto de estes verbos poderem ser considerados ou não verdadeiros auxiliares pelos estudiosos. Como já o dissemos, essa não é para nós e para o estudo que pretendemos levar a cabo a questão mais preponderante.

⁴³ Parece-nos clara a importância da diferença de matizes existente entre o uso de *estar* e o de *ser*, no português ou no castelhano, em contraponto, por exemplo, com a existência de *être*, no francês, ou de *to be*, no inglês. Notemos que no francês e no inglês temos uma só forma para significar aquilo que no português ou no castelhano se expressa com duas estruturas distintas.

sensual. *Estar* e *ser* podem adquirir quer uma função atributiva, quer uma função predicativa⁴⁴, quer uma função auxiliar⁴⁵. Será, concretamente, no âmbito da *auxiliaridade* que estes verbos mais nos importarão para este estudo⁴⁶.

Deste modo, interessará conhecer o sentido de *estar* e de *ser*, ou melhor diríamos, os sentidos que *estar* e *ser* foram adquirindo desde o latim até ao momento em que esses sentidos se cristalizaram e se prolongaram até ao presente. *Estar* procede do verbo latino STÂRE que significava “estar de pé”⁴⁷; *ser*

Por isso, não é irrelevante no português e no castelhano o uso de uma ou de outra e o jogo de tonalidades que se consegue nem sempre será fácil de entender para os falantes de línguas que não possuem estas duas formas.

⁴⁴ Relativamente às funções atributiva e predicativa destes verbos não nos deteremos espaçadamente; reforçamos, somente, os diferentes contextos e as restrições de ocorrência de um e de outro, por nos parecer que a explanação destas questões não é fundamental para o nosso estudo, na medida em que *estar* e *ser* serão apenas dois dos verbos que estudaremos, em conjunto com *andar*, *ir*, *vir*, para além de que o nosso exercício se concentra na ocorrência destas formas com formas de *gerúndio*, isto é, no surgimento destas formas em estrutura complexa (perífrase verbal) e não em ocorrência única e isolada, mas como verbos auxiliares denotadores de um maior ou menor grau de gramaticalização ou de deslexicalização, dependendo do ponto de vista adoptado. Para um estudo mais aprofundado dos verbos *ser* e *estar*, das suas funções (auxiliar, atributiva predicativa), dos seus usos e da sua semântica, aconselhamos a leitura dos seguintes trabalhos: Elisabete RANCHHOD, “On the Support Verbs *Ser* and *Estar* in Portuguese”, em *Linguísticae Investigationes*, Amsterdam, John Benjamins B.V., Tomo VII, 2, 1983, p. 317-353; Ricardo NAVAS RUIZ, *Ser y estar: Estudio sobre el sistema atributivo del español*, Salamanca, Universidad de Salamanca, Filosofía y Letras, 1963; José Maria SAUSSOL, *Ser y estar: Orígenes de sus funciones en el “cantar de mio Cid”*, s. l., Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 1977; Antonio VAÑÓ-CERDÁ, *Ser y estar + Adjectivos. Un estudio sincrónico y diacrónico*, Gunter Narr Verlag, Tübingen, 1982.

⁴⁵ Se para alguns verbos como *andar*, *ir*, *vir*, entre outros, nem sempre é consensual a atribuição da função de “verbo auxiliar”, para os verbos *ser* e *estar* esta concessão parece-nos ser aceite pelos diversos estudiosos. Note-se que as listas de verbos auxiliares variam de autor para autor e ainda não foi possível, e certamente será muito difícil que se consiga, estabelecer uma lista de verbos auxiliares aceite por todos. Ressalvamos, ainda que, apesar das diferenças existentes, fruto dos vários critérios adoptados, a classe dos verbos auxiliares fará parte de um inventário restrito (lista limitada, fechada), em contraponto com a classe maior que esta integra, a classe dos verbos, a qual, poderá, conjecturalmente, fazer parte de um inventário alargado (lista ilimitada, aberta).

⁴⁶ Lembramos que é objectivo deste trabalho o estudo das perífrases verbais com gerúndio, o que implicará a consideração do maior ou menor grau de *auxiliaridade* dos verbos que co-ocorrem com estas formas, com vista ao apuramento de um maior ou menor grau de gramaticalização do complexo verbal.

⁴⁷ Andrés BELLO aponta a particularidade de *ser* se aplicar às qualidades essenciais e permanentes e de *estar* se identificar com as qualidades transitórias e acidentais; *apud* Ricardo NAVAS RUIZ, *Ser y estar. Estudio sobre el sistema atributivo del español*, Salamanca, Universidad de

provém da fusão dos verbos latinos ESSE e SDÇRE, significando, este último, “estar sentado”. Segundo Andrés Bello, “no hay verbos de más frecuente uso que los dos por cuyo medio se significa la existencia directamente: ser y estar”⁴⁸. *Estar* e *ser* são destacados de entre todos os outros verbos como aqueles a que mais se recorre por veicularem o sentido da existência⁴⁹, a base de todos os outros possíveis sentidos. Por este motivo, decidimos analisá-los a par neste estudo e perceber mais pormenorizadamente o seu comportamento, confrontando um e outro; os seus sentidos primordiais e os seus sentidos adquiridos após a união a uma forma de *gerúndio*; a frequência de ocorrência de uma e outra forma; o prevalecimento da escolha de uma forma sobre a outra.

Segundo diversos dicionários etimológicos⁵⁰, podemos verificar que o sentido que se encontrava, primordialmente, associado às formas *estar* e *ser* desde o latim até à evolução para as línguas românicas sofrerá uma evolução. Sincronicamente, serão muito raros os casos em que *estar* e *ser* manterão os seus sentidos primevos de “estar de pé” e “estar sentado”, respectivamente. No que respeita à co-ocorrência destas formas com formas de *gerúndio*, em perífrase verbal, as primeiras acabarão, ainda que possa existir um ou outro caso pontual, por se gramaticalizar e perder totalmente esse sentido matricial.

Salamanca, Filosofía y Letras, 1963, p. 117. Cremos ser indispensável a consciência da diferença de coloração semântica dos verbos em análise que poderá, desde logo, ser corroborada com o sentido que os verbos possuíam no latim; um significando “estar sentado” (relevando um estado permanente e assumpto) e o outro “estar de pé” (marcando um estado passageiro e casual).

⁴⁸ IDEM, *apud* Ricardo NAVAS RUIZ, ob. cit, p. 117.

⁴⁹ Neste contexto, não devem ser olvidadas as reflexões de alguns gramáticos portugueses, e outros, acerca do *verbo substantivo*, que entendiam o verbo *ser* como a base de todos os outros verbos, fazendo com que tudo o que se dissesse carregasse intrinsecamente o sentido de *ser*, isto é: *viver*, como diz Grivet, parodiando esta teoria, “nada mais é senão o equivalente de *ser vivente*”; cf. A. GRIVET, *Nova Grammatica Analytica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1881, p. 227. Esta ideia encontra-se já presente na Gramática de Port-Royal; cf. a seguinte edição crítica: Antoine ARNAULD, Claude LANCELOT, *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal [avec une introduction historique par M. A. BALLY]*, Genève, Slatkine Reprints, 1993.

⁵⁰ Entre outros, destacamos o *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* de Joan COROMINAS e José A. PASCUAL, Madrid, Gredos, 1981; o *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da CUNHA, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2ª ed., 1986; o *Dictionnaire Illustré Latin-Français*, de Félix GAFFIOT, Paris, Hachette, 1934.

Passemos, deste modo, mais concretamente à análise das formas *estar* e *ser* com *gerúndio* e ao estudo dos seus diversos usos, sentidos e valores no português dos séculos XIII a XVI⁵¹.

ESTAR e SER + Gerúndio – usos, sentidos e valores

Para estudarmos os usos e os sentidos das perífrases com *estar* e *ser* + *gerúndio* será necessário recorrermos a um *corpus* que nos permita uma análise concreta e contextualizada. Por conseguinte, a prática que a seguir delineamos será aquela que adoptaremos até ao final deste exercício e basear-se-á na análise de pequenos excertos, no propósito de determinar os usos, sentidos e valores das formas em causa, à luz de critérios diversificados, comentando e argumentando sempre que pertinente e necessário.

Atentemos no seguinte extracto e vejamos como é clara a diferença entre *estar* e *ser* e como o sentido que podemos com clareza divisar está completamente enraizado no sentido primordial de cada forma.

i) Deffendemos que nenhuu uozeyro non seya ousado d(e) auirsse est aquel d(e) que a´ de teer uoz [...] no~ tenha mays ya uoz por outro, pero mandamos que possa au(er) ualya da uintena da d(e)manda, assy como manda a lee. E todo ome q(ue) for uozeyro razoe o preyto **stando en pee leuantado e no~ seendo**. E sse o assy no~ fez(er) no seya ouuydo do alcayd(e), foras se u mandar seer, seya. Ou se p(er)uentura algu~a enfermidade auen que no~ possa star en pee, seya. Poys q(ue) for dado p(or) uozeyro razoe apostame~te a ben e no~ deoste ne~ diga mal ao alcayd(e) nen a nenguu, seno~ aq(ue)llo p(er) q(ue) pod(e) mellorar en seu p(re)yto.

FR livro 1/título 9/fólio 80v (Séc. XIII, 1280?)

A frase destacada “stando en pee leuantado e no~ seendo”, por si só, explicita esse mesmo sentido ao reforçar quase pleonasticamente a ideia intrínseca no latim ao verbo STĀRE (“estar de pé”) e esclarece, contrapondo, “en pee leuantado e no~ seendo”, isto é, em pé levantado e não sentado, sema inerente ao verbo latino SDÇRE.

Notemos como os verbos *estar* e *ser* são usados com o seu sentido matricial. Não devemos, contudo, deixar de observar que no exemplo em ques-

⁵¹ Como já notámos, não existem muitos trabalhos que se concentrem, sobremaneira, neste tema, especialmente no âmbito da língua portuguesa. Por isto, seguimos de perto alguns estudos, que também já referimos, na esfera do castelhano. Cf. notas 4 e 41.

tão não estamos perante uma perífrase com *gerúndio*, mas diante de uma forma simples de *gerúndio*. Serve, no entanto, o exemplo, para frisarmos essa ligação dos sentidos dos verbos *estar* e *ser*, no português do século XIII, aos seus sentidos primevos na língua latina. Por este motivo, parece-nos clara a ausência de gramaticalização das formas *estar* e *ser*. Os verbos em causa surgem com o seu valor pleno, sem qualquer grau de deslexicalização e conseqüente gramaticalização.

Observemos outro trecho e tentemos entrever o sentido das formas *V [estar] + Ger.* e o seu maior ou menor grau de gramaticalização.

ii) E entom viro~ vi~ir out(ra) alma pella ponte. e **estava (L) chorando** carregada de hu~u feixe de t(ri)go. e q(ua)ndo vyo (L) que avia de passar. p(re)guntou ao angeo de q(ua)es almas (L) he esta pena. e [o] angeo disse. Esta pena he daq(ue)lles que (L) furta~ pouco ou muito. e agora conve~-te que passes p(er) (L) ella co~ hu~a vaca que furtaste. Diz ella. se a furtey entreguey-a (L). E o ango disse. Entregaste-a porque ha no~ (L) podeste encobrir. p(er)o no~ padeçera ´s tanta pena como (L) se a no~ entregaras. E ento~ apareceo aly a vaca muy (L) brava e~ guisa que non q(ue)rya p(er) ne~hu~a entrar (L) pella ponte. Enp(er)o ouve-a de tomar ao pescoço. e e~ntrou (L) co~ ella pella ponte. e indo co~ ella e~ meo da ponte. (L) topou co~ aq(ue)lla alma que tragya o feixe do t(ri)go. E ento~ (L) rrogou-lhe que o leixasse passar co~ sua vaca. e o outro (L) disse. mas leixa-me tu passar co~ meu t(ri)go. E enq(ua)nto asy **estava~ ap(er)fiando**. avya~ gram medo de cair (L) em fundo. e acusava-sse hu~u (con)t(ra) o outro do mal que (L) fezero~. por que aquella pena sofryam. e pollo gram temor (L) que avia~ de cayr. na~ ousava~ de hir ne~ de tornar. (L) E estando e~ este medo. q(ua)ndo oolhou acho//lull/sse da out(ra) parte. e apareceo-lhe o angeo e disse-lhe. Bem sejas (L) vi~ido no~ cures jamais de va//call/ que ja della fezeste (L) penite~cia. E entom a alma mostrou-lhe os pees chagados (L) dos clavos e dizia que non podia andar. E o ango (L) disse. Lenbra-te como os avias fortes p(er)a andar em (L) vaydades. Pensa de andar que hu~u atorme~tador (L) muy negro e muy cruel n(os) **esta esp(er)ando** e no~ podemos (L) fogir ao seu ofi~cio e~na sua pousada. E indo adiante (L) p(er) lugares escuros e muy maaos. apareceo hu~a casa rredonda como forno. chea de fogo aceso. (L) e q(ue)ymava q(ua)ntas almas achava. E q(ua)ndo a ´a ´lma (L) vyo esta pena. disse ao ango. Ay mizq(ui)nha. ja chegam(os) (L) aa porta da morte.

VS5 fólio 127r (Séc. XIII/XIV)

Reparemos como logo na primeira frase deste fragmento percebemos a existência de um sentido diferente do sentido primitivo de *estar*. Esse sentido diverso poderá ser entendido através do contexto, na frase “E entom viro~ vi~ir out(ra) alma pella ponte. e estava (L) chorando carregada de hu~u feixe de

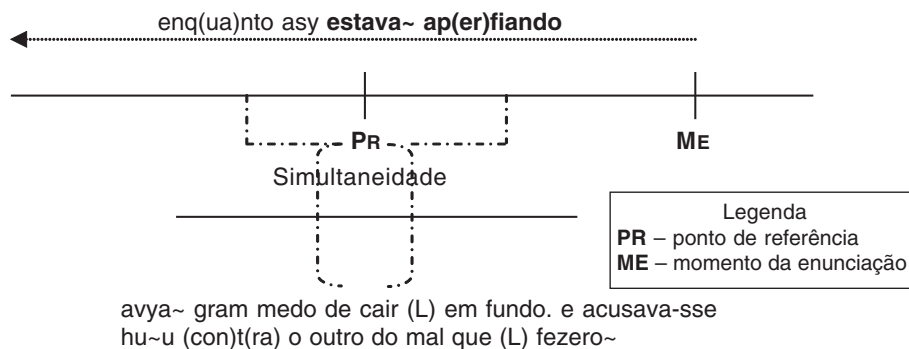
t(ri)go”; facilmente apreendemos que o sentido de *estar* não é já o de “ficar de pé”, mas um outro sentido mais dinâmico, de cariz progressivo. Esta interpretação é corroborada pela oração anterior, através do complexo verbal “viram vir”, indicando, deste modo, uma acção em progressão⁵². Assim, atentando no contexto global, vejamos como aquilo que se descreve não é uma atitude estática, por parte do sujeito da frase (a alma), mas, pelo contrário, um movimento corroborado pelo verbo *vir* na frase anterior, implicando que o conjunto “estava (L) chorando” não veicule um sentido de imobilidade, mas um sentido de actividade. Quase poderíamos comutar o verbo *estar* pelo verbo *vir*, sem essa substituição acarretar, efectivamente, uma alteração considerável do sentido anteriormente difundido: *E entom viro~ vi-ir out(ra) alma pella ponte. e [vinha] (L) chorando carregada de hu~u feixe de t(ri)go*. Contudo, existe um outro sentido susceptível de ser entendido através da dinâmica com o verbo *chorar*, precisamente o segundo membro da perífrase verbal. A ligação de *estar* a *chorar* poderá acarretar um sentido de permanência num determinado estado, neste caso o do choro. Se assim for, temos, num mesmo conjunto, duas possíveis leituras dos usos de *estar* + *gerúndio*⁵³. No entanto, e devido à pro-

⁵² Atente-se, também, no uso da conjunção coordenativa copulativa “e” que ajuda, ainda mais, ao sentido de progressão. É importante notar o facto de no excerto que se apresenta surgir representado, graficamente, um ponto final entre uma oração e outra. Este facto deve ser considerado à luz da transmissão textual e do posterior tratamento dos textos. É sumamente conhecido que no período temporal em que estes textos se inserem (séculos XIII a XVI) não existia uma norma fixada quer quanto à ortografia quer quanto à pontuação, por isso nem sempre serão relevantes todos os sinais que surgem em alguns textos, nem a sua colocação; para além de que para a feitura de um *corpus* como o do CIPM foi necessário consultar várias edições críticas e estabelecer um critério uniforme e coerente. Por conseguinte, não vamos discutir em pormenor esta questão, muito embora não hesitarmos em questionar um ou outro sinal, cuja colocação ou ausência se mostre realmente pertinente e útil para o desbravar de determinado sentido. Vide, por exemplo, Michael METZELTIN, “Segmentation Sémantique d’un acte de vente médiéval”, em Jean ROUDIL, *Phrases, textes et ponctuation dans les manuscrits espagnols du Moyen Age et dans les éditions de texte* (Actes de le Colloque organisé par le Séminaire d’Études Médiévales Hispaniques (Paris, 20-21 novembre 1981), Paris, Librairie Klincksieck, s.d., p. 141-155.

⁵³ Não podemos esquecer que muitas vezes a tentativa de apuramento dos usos, sentidos e valores de cada perífrase verbal não pode descurar os elementos que constituem a perífrase. Isto é, apesar de considerarmos o valor do conjunto, pois é esse o objectivo do nosso exercício, não podemos descuidar o valor que cada unidade tem em si mesma. Poderá parecer um paradoxo, mas, efectivamente, não o é; o que acontece é que, muitas vezes, para o apuramento do sentido de uma determinada perífrase verbal, se tomam em conta aspectos que podem tornar as conclusões duvidosas. Considere-se o seguinte trecho, apenas a título exemplificativo, que é usado num estudo para corroborar um possível valor durativo da perífrase *ir* + *gerúndio*: *Os portogueses asi forõ durãdo e sofre~do sa batalha e~ tal presa e coita, como ouuides*. Facilmente verificamos a falibilidade da sustentação deste exemplo, pelo facto de que o verbo

blemática da pontuação de que já falámos, também poderíamos considerar a seguinte leitura: *E entom viro~ vi~ir, chorando, out(ra) alma pella ponte. e estava (L) carregada de hu~u feixe de t(ri)go*. Neste caso não teríamos já uma perífrase verbal com *gerúndio*. Não obstante esta possibilidade, o nosso entendimento acolhe com maior convicção a primeira leitura aventada.

Observemos como no mesmo fragmento, mais à frente, encontramos um uso da perífrase verbal com um sentido já distinto do primeiro: “E enq(ua)nto asy estava~ ap(er)fiando. avya~ gram medo de cair (L) em fundo. e acusava-sse hu~u (con)t(ra) o outro do mal que (L) fezero~”. Neste caso, a proximidade com a conjunção *enquanto* e com o advérbio *assim* fornece-nos uma possibilidade de leitura diferente da anterior, na medida em que não é já um sentido de movimentação que sobressai, mas um sentido de simultaneidade. A conjunção e o advérbio coadjuvam a construção de um paralelismo de acções; isto é, ao mesmo tempo que “estava~ ap(er)fiando” outro acontecimento se desenrolava paralelamente. Observemos o seguinte esquema de modo a melhor concretizar as nossas ideias. Neste trecho, que traduzimos de forma gráfica, verificamos a coexistência de duas acções, que se desenrolam paralelamente, ou de uma acção em curso que intercepta, num determinado momento, uma outra acção mais pontual.



ir é usado, precisamente, com o verbo *durar*, o que implica que o carácter durativo poderá encontrar-se, desde logo, no próprio verbo que veste a forma de *gerúndio*, pois esse é um valor que lhe é intrínseco. No entanto, não queremos com esta observação afirmar que devemos tomar em absoluto cada perífrase, pois essa seria uma opção impensável neste estudo. Ainda porque o contexto envolvente é de todo necessário para o bom entendimento do sentido de determinado complexo verbal. O que pretendemos enfatizar é a necessidade de algum cuidado na determinação dos sentidos e valores de cada perífrase e a importância, precisamente, que os elementos envolventes ganham numa análise deste teor. O exemplo que apresentámos foi retirado de Odete A. de Souza CAMPOS, *O gerúndio no português*, Rio de Janeiro, Presença/INL-MEC, 1980, p. 34.

Vejamos, ainda dentro do fragmento em causa, mais uma ocorrência de *estar* + *gerúndio*: “Pensa de andar que hu~u atorme~tador (L) muy negro e muy cruel n(os) esta esp(er)ando e no~ podemos (L) fogir ao seu ofi´cio e~na sua pousada”. Neste caso, *estar* surge associado ao verbo *esperar*, o que poderá, desde logo, indiciar uma situação de prolongamento temporal. Não podemos esquecer que essa leitura é feita, primeiramente, pelo significado do verbo em causa e não pela perífrase no seu conjunto. Vejamos, porém, que o uso do complexo verbal, neste contexto, permite a leitura de um valor de permanência, sem, no entanto, implicar, obrigatoriamente, uma leitura etimológica do sentido de *estar*, apesar de considerarmos que a leitura próxima da etimologia será lícita e é reforçada pela semântica do verbo *esperar*⁵⁴. O mesmo poderá suceder com o seguinte extracto, onde o sentido que transparece do uso da perífrase em contexto é o de permanência.

iii) Qua~do esto disse (L) ho abbade. logo Zozimas e~clinou outra vez (L) a ssua fface e~ terra e honrrarom todos Nosso (L) Ssenhor e feyta ha horaçom disserom ame~. (L) **Horando** ho santo home~ Zozimas e~ aq(ue)l (L) moesteiro. vyo ally os santos padres splandeçer (L) p(er) virtudes e p(er) obras **servindo** (L) a Nosso Senhor ssem q(ue)dar **E estavam p(er) toda (L) a noyte obrando p(er) ssuas maao~s e canta~do** (L) psalmos e louvores a Deos.

VS7 fólio 52r (Séc. XIII/XIV)

Reforçamos, uma vez mais, que o facto de “estar toda a noite obrando e cantando” não transporta, irrevogavelmente, a ideia de o fazer de pé⁵⁵. Mesmo que estivessem de pé quando cantavam os salmos, que era, efectivamente, a posição litúrgica recomendada, não estariam a noite inteira nessa posição, mas, com certeza, apenas parte da noite. A ideia que se pretende reforçar não será a de que “estavam toda a noite cantando salmos e louvores a Deus, de pé”, mas a ideia de que esse foi um processo contínuo que se prolongou durante um espaço de tempo considerável; cremos ser este o ponto mais importante⁵⁶.

⁵⁴ Reforçamos, apenas, que o facto de *estar esperando*, no contexto em causa, envolver permanência, não tem necessariamente de acarretar a ideia próxima da forma latina, isto é, não tem de ser, inevitavelmente, uma espera feita de pé. Poderá, cremos, vislumbrar-se, neste exemplo, um pequeno grau de gramaticalização da forma *estar*, na medida em que, pelo menos um dos seus semas (“de pé”), não tem obrigatoriamente de estar activado.

⁵⁵ Não ignoramos, contudo, que a posição de orante é, na tradição do Cristianismo Antigo, a posição de pé. Lembremos, por exemplo, que o celebrado hino bizantino de louvor à Virgem, cujo nome é *Ákáthistos* querendo dizer “não sentado”, é cantado, precisamente, de pé.

⁵⁶ Apesar de já o termos referido, acreditamos ser importante reforçar, uma vez mais, a seguinte preocupação: para uma análise dos usos, dos sentidos e dos valores das unidades da língua não

Consideremos o fragmento que apresentamos de seguida:

iv) Assy que o santo tenplo (L) rreçebya todos os outros ssem embargo nehoo~ (L) mais a mi~ssoo cativa. nom q(ue)ria rreçeber e~ ne~hu~a (L) guisa. mais assy como aaz de cavaleyros estava (L) (con)tra mi~. que me nom leixava e~trar. mais inpuxava-me (L) cada vez ata as portas do adro depois (L) que me esto aconteçeo muitas vezes fiquey (L) muy fraqua e mui cansada em guisa que nom (L) podia **estar sobre meus pees e asentey-me e~ (L) huu~ canto do adro apartada cuidando e~ mim (L)** donde me viinria esto que nom podia entrar em (L) o tenplo E **estando assy pensando** emtendy (L) donde me aconteçia tal cousa Ca p(o)lla çugidade das minhas maas obras nom podia eu adorar (L) o lenho da Santa Vera Cruz Entom começey (L) eu mizq(ui)nha de chorar e firir os peitos co~ (L) minhas maaos e dar grandes sospiros de coraçõ~ (L) e esparger muitas lagrimas e tive me~tes (L) do lugar hu estava e vy hu~a imagem da (L) Virgem Maria que estava hedificada. a dep(ar)te (L) em huu~ logar [...]

VS7 fólio 59r, 59v (Séc. XIII/XIV)

Observemos como o sentido da forma *estar* aparece completado pela expressão “sobre os meus pees e asentey-me”, dissipando as possíveis dúvidas quanto ao sentido do verbo. Notemos, ainda, que *estar* ocorre com uma forma de *gerúndio* (*cuidando*); sem, no entanto, descurarmos a análise profunda e concluirmos que esta não é, verdadeiramente, uma perífrase verbal, senão a simples ocorrência das duas formas na mesma frase. O que verificamos no excerto em questão é que as duas formas são autónomas. Este facto poderá ser corroborado se recordarmos que a perífrase verbal transmite um sentido de conjunto, o que neste exemplo não acontece. Apesar, como já referimos, das vicissitudes da pontuação neste tipo de documento, facilmente verificamos que *estar* se liga a uma oração anterior (“muitas vezes fiquey (L) muy fraqua e mui cansada em guisa que nom (L) podia estar sobre meus pees e asentey-me”), enquanto que *cuidar* pertence já a outra oração (“asentey-me e~ (L) huu~ canto do adro apartada cuidando e~ mim (L) donde me viinria esto”). O que

podemos esquecer a informação que é, exclusivamente, linguística e aquela que faz parte do mundo extralinguístico. Dependendo daquilo que se pretende estudar, devemos ter em consideração uma e/ou outra. No caso do presente exercício e porque o objectivo é o estudo dos usos, sentidos e valores das perífrases verbais com gerúndio, não podemos descurar nenhum dos dois tipos de informação, pois, para além da importância do contexto, é de inestimável interesse o conhecimento extralinguístico, seja ele histórico-factual, vivencial ou outro. Notamos, ainda, que a norma actual não permite o conjunto *estar* (IMP) + *por* + intervalo de tempo limitado, por o aspecto imperfeito da forma verbal não ser compatível com limites temporais precisos.

sucede é que o exemplo poderá ser parafraseado por *não podia estar sobre os meus pés, por isso sentei-me, cuidando em mim*; o que mostra que estamos, efectivamente, perante duas acções diferentes e independentes. Na frase que se segue, inclusa no mesmo troço de texto, podemos notar, uma vez mais, um valor de permanência, reforçado, ainda mais, pelo facto de *estar* se encontrar no *gerúndio* juntamente com *pensar* (“E estando assy pensando emtendy (L) donde me acontijia tal cousa Ca p(o)lla çugidade das minhas maas obras nom podia eu adorar (L) o lenho da Santa Vera Cruz”)⁵⁷. Repare-se que esta frase vem na sequência daquela que analisámos anteriormente, o que poderá implicar uma continuação reforçada do sentido de permanência ou prolongamento da acção ou de um estado nessa mesma acção. O mesmo acontece com o troço seguinte, com uma ligeira diferença:

v) E disse lhe Sam Paulo: Este he aquelle que eu preego, que decendeo dos ceos e tomou carne~ e padeceo morte e resurgio ao terceyro dia. **Estando assy departindo**, pasou perante elles hu~u~ cego. E dise lhe Dinis per ma~dado de Sam Paulo que recebesse vista em nome de Jhesu Christo, e logo vio, e logo Dinis con sua molher e co~ toda sua familia recebeo a fe de Christo e bautizou se. E, depois que foy e~sinado per Sam Paulo per tres a~nos, feze o bispo de Athe~nas, e elle per sua preegaçom tornou aa fe de Jhesu Christo a cidade de Athe~nas e grande parte daquella terra e depois foy glorioso martir e~na cidade de Paris.

OE livro 3/capítulo 11/fólio 30v (Séc. XV)

O trecho acima transcrito parece-nos marcar, ainda mais, aquilo que acabámos de expor, na medida em que, para além de um sentido de prolongamento, este uso da perífrase gera um outro sentido, o de progressão na acção, coadjuvado não apenas pela presença do *gerúndio* nas duas formas verbais, mas, também, pela própria semântica do verbo *departir*, bem como pela presença do advérbio “assy”.

⁵⁷ Neste exemplo, algumas dúvidas poderão surgir quanto à verdadeira classificação deste complexo verbal. Notemos que ambas as formas se encontram no *gerúndio*. No entanto, não nos parece que sejam duas formas independentes. Na literatura especializada, as definições de perífrase verbal que encontramos vão, genericamente, ao encontro daquela que adoptámos, partindo da obra de Henrique BARROSO. E nesta não existe nenhuma referência à possibilidade de o verbo auxiliar poder ocorrer no *gerúndio*, o que nos poderá levar a entender o composto verbal em causa como não sendo uma perífrase verbal. Porém, parece-nos que, apesar dos argumentos contra esta conjectura, neste contexto, o complexo em causa poderá ser considerado uma perífrase verbal, cujo verbo auxiliar se apresenta na forma de *gerúndio* com um propósito enfático e reforçador do sentido de prolongamento da acção.

Vejamos, de seguida, as duas únicas ocorrências que, no conjunto do nosso *corpus*, conseguimos reunir, com *ser* + *gerúndio*:

vi) E em os (L) rramos desta arvore estava~ muitos lirios e muitas (L) rrosas. e hervas de muitas naturas que dava~ de sy (L) muy bo´o´ odor. E so aq(ue)lla arvore estava~ muitas (L) co~panhas ase´e´ntadas e~ cadeiras d´ouro. e de marfil (L) em que **siam louva~do** ao senhor Deos pollos muit(os) be~es que lhes dava. E eram vistidos de muy fremosas (L) vistiduras. e tiinham coroas muy //lrll// sprandece~tes (L) em suas cabeças. E ento~ disse a alma. Senhor (L) di-me que sinifica esta arvor. ou que conpanhas som (L) estas. E o ango disse. Esta arvor sinifica a s(an)c(t)a (L) ig(re)ja. e estes que estam so ella som aq(ue)lles que a bem guardarom. (L) e bem acrece~taro~ p(er) seus bo´o´ s m(er)ecime~tos (L) e porque leixarom o mal e obraro~ bem.

VS5 fólio 129v (Séc. XIII/XIV)

vii) Tanto que Sancto Agustinho esto leeo, logo foy espargida e~no seu coraçom hu~a luz de segurança, que tirou delle todalas treeuas da duuida da ffe de Jhesu Christo que ante auia. E foy depois muy sancto e muy glorioso doutor e declarou muyto estes marauilhosos e~xertos da Sancta Trindade. Onde aueeo que hu~u~ dia, **se~e~do elle estudando**, ueeo a elle hu~a molher pera lhe demandar conselho. E ella feze lhe grande reuerença e recontou lhe seu negocio, mais o sancto home~tam solamente nom tornou a cousa que lhe ella dissesse nem a oolhou, e a molher partiu se dally con grande tristeza.

OE livro 2/capítulo 2/fólio 7r (Séc. XV)

Em ambos os fragmentos, o verbo *ser* conserva o seu valor matricial (“estar sentado”)⁵⁸. É, efectivamente, o sema “estar sentado” que predomina, o que pode corroborar-se, por exemplo, em vi), pelo contexto: “E so aq(ue)lla arvore estava~ muitas (L) co~panhas ase´e´ntadas e~ cadeiras d´ouro. e de

⁵⁸ Não rejeitamos, contudo, uma outra leitura que também será aceitável e que é a de permanência num determinado estado, num sentido que se aproxima daquele veiculado pela perífrase de *estar* + *gerúndio*. Podemos experimentar a permuta de uma forma por outra sem que isso afecte, significativamente, o sentido das frases: *co~panhas ase´e´ntadas e~ cadeiras d´ouro. e de marfil (L) em que estavam louva~do ao senhor Deos/ Onde aueeo que hu~u~ dia, estando elle estudando*. Ainda porque, no primeiro caso, o argumento que serve para fazermos a leitura no sentido etimológico de *ser* (*co~panhas ase´e´ntadas e~ cadeiras d´ouro. e de marfil*) poderá servir também para reforçar a possibilidade de *estar* aparecer em lugar de *ser* sem se perder informação relevante, porque essa informação surge precisamente na frase *co~panhas ase´e´ntadas e~ cadeiras d´ouro. e de marfil*. Admitimos, no entanto, que a nossa opção de leitura, por nos parecer mais natural, se aproxima mais do sentido etimológico de *ser*. Não podemos, porém, ignorar todas as possibilidades que possam surgir como válidas.

marfil”. Não nos foi possível, em todo o *corpus* que reunimos, encontrar outras ocorrências de *ser* + *gerúndio* e, tão pouco, de *ser* + *gerúndio* onde *ser* manifeste um sentido que não aquele ligado à sua etimologia latina⁵⁹.

Analisados os usos, os sentidos e os valores de *estar* e *ser* + *gerúndio*, vejamos as ideias que dessa análise conseguimos recolher. Pela amostra que congregámos, percebemos que *estar* e *ser* + *gerúndio* poderão ocorrer nos mesmos contextos, sem com isso acarretar uma significativa alteração de sentido. Deste modo, cremos poder afirmar que o uso da perífrase com *estar* prevalece sobre o uso da perífrase com *ser*, dado que no nosso *corpus* de análise, como já referenciámos, encontrámos apenas dois exemplos com *ser* + *gerúndio*⁶⁰. Podemos afirmar, também, que a perífrase *estar* + *gerúndio* não terá sofrido um considerável grau de gramaticalização, na medida em que, considerando a perífrase moderna, o valor principal que nela distinguimos é o de permanência num espaço, num tempo, num determinado estado, etc. Esse valor advém-lhe do sentido matricial de “ficar de pé”, por isso não se desprende totalmente da sua etimologia⁶¹.

Deixamos algumas conclusões, que cremos mais relevantes, para o termo desta análise, para assim passarmos ao estudo das formas *andar*, *ir* e *vir* e podermos, no final, estabelecer as ligações necessárias ao bom esclarecimento dos pontos fundamentais desta investigação.

ANDAR, IR e VIR

O verbo *andar* deriva do latim *AMB-TÂRE frequentativo de AMBÎRE (“dar voltas, rodar”), o verbo *ir* provém do verbo latino ÎRE (“deslocar-se de um local para o outro”) e *vir* procede do latim VNÎRE (“movimentar-se em direcção ao sujeito do enunciado”⁶²). Estes são considerados verbos de movi-

⁵⁹ Este facto, por si só, dar-nos-á já indícios do comportamento desta perífrase verbal. Mais adiante, em lugar que considerarmos próprio, volveremos a este assunto.

⁶⁰ Para completar a nossa ideia, usamos as palavras de Alicia YLLERA quando diz: “Seer + gerundio, documentado ya en el *Cid* aunque en minoría frente a *estar*, alcanza un desarrollo relativo en el siglo XIII, apareciendo en las mismas construcciones que *estar* y con idéntico valor. Pero su empleo cae en desuso a finales del siglo XIII o principios del XIV; en este siglo sólo aparecen raros ejemplos en verso, la prosa lo ha abandonado definitivamente”, em ob. cit., p. 50.

⁶¹ Mais adiante, em comparação com as formas *andar* e *ir*, por exemplo, será mais fácil percebermos a distinção.

⁶² Cf. nota 65.

mento e em associação com o *gerúndio* levam a que a perífrase verbal ganhe um sentido durativo. Este conjunto de verbos parece-nos ser mais rico e fecundo para o objectivo do actual estudo, pelo facto de vermos, de antemão, que sofrerão maior grau de gramaticalização do que *estar* e *ser*. Este é, contudo, um aspecto que tem, ainda, de ser analisado, ponderado e demonstrado para depois ser discutido convenientemente.

Das três perífrases verbais com verbos de movimento, as mais comuns são, no português arcaico, aquelas que se formam com os verbos *andar, ir* e *vir*. Dessas três, diz Odette Campos, “[...] as de *ir* ocorrem com mais frequência do que as com *andar* e *vir*, sendo também as mais comuns de todas as construções perifrásticas de *gerúndio* no português arcaico [...]”⁶³.

Agora que vimos as estruturas e os sentidos dos verbos *andar, ir* e *vir*, partamos para uma análise mais pormenorizada das perífrases verbais com cada uma destas formas.

ANDAR + Gerúndio – usos, sentidos e valores

Fixemo-nos no seguinte extracto e analisemos de que modo se comporta a perífrase verbal *andar* + *gerúndio*.

viii) Ja ouvistes em como Taço foy vençudo de Hercolles e como o persseguyo ataa Mo~cayo. Mas, despois [que Hercolles] ally foy, **andou buscando a terra e avysandoa** e semelhoulhe muy boa. E porem pobrou hu~a cidade ao pee do monte Cayo e pobrouha de hu~as gentes que com elle veheram de Grecia; e hu~u~s delles era~ de Tiran e os outros de Anssona e pore~ pos nome aa cidade Tirassona e oje em dia lhe chama~ Taraçona.

CGE capítulo 9/fólio 7c,7d (Séc. XIV)

Vemos como em viii) o complexo verbal se reporta a uma acção na qual se apercebe a ideia de [+ movimento], um dos semas do verbo *andar*. Neste caso, apoiando-nos no contexto anterior ao da frase em apreço, verificamos que, na perífrase “andar buscando”, *andar* mantém ainda o seu sentido primário; em associação com *buscar*, permite reforçar, ainda mais, esse mesmo sentido, facultando a imagem mental daquele que, em desespero para encontrar o que busca, se movimenta, dando voltas, de um lado para o outro. Neste caso, *andar* não se apresenta, de todo, gramaticalizado.

⁶³ Vide Odette A. de Souza CAMPOS, ob. cit., p. 33.

ix) Ou é Meliom Garcia queixoso ou nom faz come home de parage escontra duas meninas que trage, contra que[m] nom cata bem nem fremoso: (V5) ca lhas vej'eu trager, bem dê's antano ambas vestidas de mui mao pano, nunca mais feo vi nem mais lixoso. **Andam ant'el chorando** mil vegadas, por muito mal que ham com el levado; (V10) [e] el, come home desmesurado contra elas, que andam mui coitadas, nom cata rem do que catar devia; e poi'las [el] tem sigo noit'e dia, seu mal é tragê-las mal lazeradas.

CEM416/D. Dinis/B 1533 (Séc. XIII/XIV)

Em ix), acima transcrito, podemos entrever já uma outra leitura, pelo facto de, em conformidade com o contexto, não se descreverem duas acções diferentes (“o andar” e “o chorar”), mas sim uma só acção: “andar chorando”. Podemos experimentar a troca de *andar* por *estar*, sem com isso afectar o sentido da frase: *estão ant'el chorando mil vegadas, por muito mal que ham com el levado*; ainda porque a própria preposição *ante* pede, ainda mais, o uso de *estar* do que de *andar*. Este exercício reforça a hipótese da gramaticalização em detrimento do sentido matricial de *andar*. O efeito que se consegue com ambas as perífrases (*andar* e *estar* + *gerúndio*) é o de persistência num determinado estado, no sentido de reforçar o que é substancial, *o choro*.

No fragmento que se segue, ambos os complexos verbais são passíveis de serem entendidos à luz da análise que elaborámos para ix). Temos, por isso, uma vez mais, o verbo *andar* desprovido do seu sema de movimento, não implicando que as estruturas “anda juntando” e “and'el trabalhando” veiculem a ideia, ligada a *andar*, de deslocamento físico, espacial.

x) Pois teu preit'**anda juntando** aquel que é do teu bando, di-me, doutor, como ou quando lhe cuidas fazer enmenda (V5) por quant'**and'el trabalhando** com'aposta ta fazenda. Pois com muitos há baralha por te juntar prol sem falha, di, doutor, si Deus ti valha, (V10) se lhe cuidas dar merenda por quant'el por ti trabalha como apostat'a fazenda.

CEM435/Estêvão da Guarda/B 1308, V913 (Séc. XIII/XIV)

Nos fragmentos xi), xii) e xiii), abaixo reproduzidos, podemos ver como o verbo *andar* atingiu o grau máximo de gramaticalização, dado que nenhum dos seus semas se encontra em actividade nestes trechos.

xi) E todos estes fogos asu~ados se aju~tam asu~adame~te e~no mu~do. Depois que os angios dissero~ esto a aquele sancto home~, teue elle me~tes e vio os demo~es que **andaua~ uoa~do e~ aquellos fogos e fazendo** batalhas contra os sanctos home~e~s.

OE livro 4/capítulo 1/fólio 38v (Séc. XV)

xii) Ca a molher he tal como o pintor, que, asy como o pintor faz muytas pinturas e muytas linhas de collores, bem assy a molher com seus afaagos pinta as ymage~e~s das maas cuydaço~es e~no coração do home~. E jssso meesmo faz o diaboo. Onde Salamo~: Com os afaagos dos seus beiços tira per elle. E, assy como a berbeleta tanto **anda voando** acerca da candeia ataa que sse queyma e~ ella, bem assy fazem aquelles que ameude husam a co~panha das molheres.

OE livro 4/capítulo 57/fólio 135r (Séc. XV)

xiii) Depois desto, pescadores que **andauo~ pescando** e~no ryo, acharo~ o seu corpo e trouxero~ no aa egreya de Sam Pedro, e, seendo aly, viro~ todos clarame~te hu~as ymage~e~s de sancto[s] que hi estauo~, que lhe faziam reuere~ça e o saudauo~ ho~rradame~te.

OE livro 4/capítulo 36/fólio 99v (Séc. XV)

Se *andar* não tivesse sofrido gramaticalização, estaríamos perante uma situação de incompatibilidade semântica (“andaua~ uoa~do”, “anda voando”, “andauo~ pescando”), de *impossibilia*, pois não é concebível, a não ser no mundo do fantástico, *andar e voar* ao mesmo tempo ou *andar e pescar* ao mesmo tempo. Uma vez mais, no lugar de *andar*, poderia surgir *estar*: *e vio os demo~es que [estavão] uoa~do, E, assy como a berbeleta tanto [está] voando acerca da candeia, pescadores que [estavão] pescando e~no ryo*, porque o sentido principal das expressões em questão é aquele que também é passível de ser veiculado por *estar*, o propósito de enfatizar um processo, uma acção no seu desenvolvimento, neste caso, o de “voar” e o de “pescar”, que também já está presente na própria forma de *gerúndio*. Neste caso, o auxiliador serve apenas para reforçar essa ideia, o que, uma vez mais, comprova, a existência de total gramaticalização.

Nos dois últimos excertos que apresentamos para ilustrar a perífrase verbal *andar + gerúndio*, verificamos que *andar* se encontra num elevado grau de gramaticalização, tendo perdido a sua identidade enquanto verbo independente, de sentido pleno.

xiv) E pore~ diz o Ecclesiastico que ao seruo de maa uo~tade co~pre de lhe dare~torme~to e adouas. Ca a carne~ deue seer atorme~tada e pressa, que no~ caya e~ peccado ne~ **ande uaguejando** per maaos desejos e per deleytaço~o~es cuyas, e pore~ diz Sam Paulo: Eu castigo a minha carne~ e torno a e~ seruidom.

OE livro 4/capítulo 11/fólio 54v (Séc. XV)

xv) Quanta sandice he procurar home~ as cousas pera seu herdeyro e negar sy meesmo todallas cousas, porque a grande erança faz e~migo do amigo, ca mais se

alegraria con a tua morte aquelle que mais [ha] dauer. Onde conta Valerio que hu~u~ home~ rrico auya huum filho que continuadamente **andaua cuydando** como mataria seu padre por herdar sua rriqueza e pensaua como o mataria, con ferro ou co~ peçonha ou per outra maneyra.

OE livro 4/capítulo 54/fólio 130v (Séc. XV)

Vejamos, de perto, os exemplos em observação. Em xiv), diz-se que a “carne” não deve andar vagueando por maus desejos; ora, poderíamos fazer uma leitura literal de *andar*, na medida, até, em que ocorre com um outro verbo, *vaguear*, do qual, pelo menos, um sema, coincidirá com o de *andar*: o sema de [+ movimento]. No entanto, a linguagem usada tem um sentido figurado e não se pretende dizer que a “carne” ande, efectivamente, com os seus pés vagueando atrás de maus desejos, mas que há, como nos casos anteriores, um decurso; um prolongar da acção que se pretende reforçar. O mesmo acontece em xv), onde não se espera que, para pensar, o sujeito em causa tenha de andar; tenha de fazer, verdadeiramente, o movimento físico de “dar passos”. No caso em apreço não é o que ocorre; é claramente visível que *andar* terá sofrido completa gramaticalização e que, uma vez mais, serve apenas para reforçar o processo em causa, fortalecendo a ideia de que se trata de uma acção, de facto, muito pensada, que se prolonga durante um determinado período de tempo.

Analizadas as perífrases com *andar* + *gerúndio*, através dos exemplos acima transcritos, e aventadas as hipóteses de leitura e de ocorrência ou não ocorrência de gramaticalização, avançamos para o exame das perífrases com *ir* e *vir* + *gerúndio*.

IR e VIR + Gerúndio – usos, sentidos e valores

Fixemo-nos nos extractos que se seguem e tentemos perceber de que forma procede a perífrase *ir* + *gerúndio*, aquela, como já vimos, cujo uso parece ser o mais recorrente no português arcaico.

xvi) E quanto mais p(er) elle descendia~ q(ua)nto mais pouco (L) via~ p(er) hu avia~ de tornar. E ento~ disse a alma. Senhor (L) que carrei~ra he esta que asy he atorme~tada E o ango disse (L) E esta he a carreira da morte. e **forom descendendo**. e viro~ hu~u valle e~ que estavo~ muitas forjas de ferreyros e (L) ouviro~ muitas vozes e muitos choros.

VS5 fólio 129v (Séc. XIII/XIV)

xvii) Q(ua)ndo esto ouvio Agapito e~tendeo (L) e ssoube cousa tam maravilhosa. ficou mui espantado e **foy correndo** ao abbade e contou-lhe (L) todo como acontecera de Panunção e (L) de sua filha e veo o abbade e deitou-sse em t(e)rra fazendo sseu p(r)anto e dizia: – ay Eufrosina esposa (L) de Jhesu Cristo e filha dos Santos nenbra-te dos (L) servos de Deos con que serviste a Nosso Ssenhor (L) e nenbra-te deste moesteiro e hora por nos a Nosso (L) Ssenhor Jhesu Cristo que nos faça chegar ao (L) porto de ssaude e aver q(ui)nhom com os sseus (L) santos e mandou o abbade que sse juntassem todos (L) os frayres e ffezessem ssupultura honrradamente (L) aaquel santo corpo assy como co~vi´i´nha (L).

VS6 fólio 49v (Séc. XIII/XIV)

xviii) E, despois que esto ouve feyto, tomou co~sselho com suas gentes e foyssse con suas naves pello mar ataa que chegou ao ryo Bethis, ao que agora chama~ Guadalquivyr, e foy per elle acima ataa que chegou ao logar a que agora chama~ Sevylla. E senpre **hia buscando** a ribeira onde acharia bo~o~ logar pera pobrar em elle hu~a grande cidade e nom achou outro tam bo~o~ como aquelle em que agora Sevylla he pobrada.

CGE capítulo 6/fólio 5a, 5b (Séc. XIV)

xix) E porem pobrou hu~a cidade ao pee do monte Cayo e pobrouha de hu~as gentes que com elle veheram de Grecia; e hu~u~s delles era~ de Tiran e os outros de Anssona e pore~ pos nome aa cidade Tirassona e oje em dia lhe chama~ Taraçona. E, despois que esto e outras muytas cousas ouve feyto, começou de **hyr conquerendo** toda essa terra ataa que chegou a hu~u~ logar que lhe pareceo que era bo~o~ pera pobrar e fez hi hu~a fortelleza e poselhe nome [Ur]gel, que quer dizer em latym apremame~to, por que mais guaanhou elle aquella terra per prema que per amor.

CGE capítulo 9/fólio 7c, 7d (Séc. XIV)

Em xvi), xvii), xviii) e xix), verificamos que *ir* não estará gramaticalizado, na medida em que é perfeitamente visível como o sema que implica “deslocação de um lugar para o outro” está em pleno funcionamento nos exemplos referidos. Nas perifrases verbais em causa, a ideia fundamental é a de “movimento em direcção a”, transmitida pelo verbo auxiliar *ir*; assim, o verbo que, em cada caso, possui a forma de *gerúndio* especifica de que modo se faz essa deslocação: “forom descendendo”; “foy correndo”; “hia buscando”, “hyr conquerendo”.

Em xx), xxi), xxii) e xxiii), por sua vez, deparamos com uma situação bem distinta.

xx) E elle leixoulha por lhe criar aquelle moço. E esto com tal condiçom que, quando elle fosse grande, que fizesse delle aquello que lhe ella mandasse. E, despois

que este amor foy posto e o moço **foy crecendo e fazendosse** mancebo, foy muy ligeiro e valente mais que outro homem que se no mundo soubesse.

CGE capítulo 5/fólio 4b (Séc. XIV)

xxi) E esto faziam por duas cousas: a primeira, por que ella era muy boa e muy fremosa e muy filha dalgo; e a segunda, por que era herdeyra do reyno. E ella no~ queria outorgar de casar con ne~ hu~u~ e esteve assy hu~u~ tempo. O padre **hya envelhecendo** e os home~e~s bo~o~s da terra temyansse da sua morte. Pedironlhe que casasse sua filha por tal que, se elle morresse, que no~ ficassem elles sem senhor.

CGE capítulo 11/fólio 8b (Séc. XIV)

xxii) Qual he mayor sandice que a me~te do home~ no~ seer trigosa pera perfeiço~, quando o corpo se uay ya tostemente pera perdiçom, co~ue~ a saber e~na uilhice, e~ que os olhos **ua~a~o perdendo** a uista e as orelhas o ouuido e os cabellos caaem e os dentes mi~gua~ e o coyro se e~uerruga e seca sse e o baffo cheyra mel e o peyto offega e a tosse no~ queda e os geolhos treme~ e os pees e as pernas incha~?

OE livro 4/capítulo 9/fólio 52r (Séc. XV)

xxiii) Os d' Aragom, que soem donear, e [os] Catalães com eles a perfia, leixados som por donas a lidar, **vam-s'acordando** que era folia; (V5) e de bu[r]llas, cuid'eu, ri[i]r-s'end'ia quem lhe dissess'aqueste meu cantar: a dona gaia do bom semelhar, ó amor quiçá nõn'os preçaria.

CEM414/Caldeiom/B 1623, V 1157 (Séc. XIII/XIV)

Nestes trechos, o verbo *ir* não apresenta já o sentido de “movimentar-se de um local para outro” que veicula como verbo pleno, mas imprime um carácter, cremos poder afirmá-lo, incoativo às acções expressas em cada exemplo, através dos verbos *crescer* e *fazer*, *envelhecer*, *perder* e *acordar* (*lembrar*), respectivamente. Note-se como a ideia essencial é a de “dar início a uma acção” que se vai desenrolando; através do uso do *gerúndio*, nos verbos que arrolámos, reforça-se, ainda mais, esse sentido de progressão e de evolução. Nestes casos, o verbo *ir*, em nosso entender, encontra-se já totalmente gramaticalizado.

Olhemos, deste modo, mais de perto para as amostras abaixo apresentadas e vejamos que sentidos se mostram e que conclusões poderemos retirar acerca do grau de gramaticalização destas formas.

xxiv) O angio de Deus falou a Sam Philippe apostolo e dise lhe: Leuanta te e uay te contra o meodia aa carreyra que uay de Jherusalem pera Gaza. E el leua~tou se e foy sse a aquella carreyra. E aque hu~u~ castrado, home~ poderoso, que auya de

ueer todallas ryquezas da raynha de Ethiopia, hya per aquelle caminho, ca elle ueera orar a Jherusale~ e tornaua-se pera sua terra em seu carro e **hya leendo** per o liuro da propheta Ysai[a]s. E disse o Spiritu Sancto a Filippe: Achega te e ajunta te ao carro.

OE livro 3/capítulo 4/fólio 19v (Séc. XV)

xxv) E outrossy, porque Plato, perfeyto da cidade de Constantinopla, e Marino, per ma~dado do enperador, emaderom a hu~u~ hymno da Triindade palauras contra a ffe e ho **yam cantando** con seu maa emadime~to pella praça da cidade, ueo subitamente sobre elles nuve~e~s que lançaua~ sobre as cabeças delles cijnza em logo de chu~u~a, e toda a cidade e a prouí~cia foy cuberta.

OE livro 2/capítulo 13/fólio 15r (Séc. XV)

xxvi) Quando o padre esto vio, ma~dou que este terceyro filho que ouuesse o regno pella sua grande priguíça. E este rey he o diaboo que regua sobre todollos filhos da soberua. E o seu primeiro filho he aquelle que esta e~ peccado e~ companhia de maaos, per que se **uay hindo** de mal e~ pior. E, como quer que elle esto uee, mais escolhe de sse queymar co~ fogo de peccado que se partir de maa companhia.

OE livro 4/capítulo 69/fólio 154r (Séc. XV)

Em xxiv), comprovamos que existe uma justaposição de acções, pois, efectivamente, os sujeitos das frases em análise praticam duas acções em simultâneo; este facto poderá ser atestado pelo contexto: “e tornaua-se pera sua terra em seu carro e hya leendo per o liuro da propheta Ysai[a]s”. A acção descrita envolve movimento de um local para outro (“tornaua-se pera sua terra em seu carro”); no entanto, se concebermos que é o carro que se desloca e não o sujeito em si mesmo, ser-nos-á legítimo aventarmos a hipótese de que *ir* já se encontra gramaticalizado; isto é, no seu carro, o sujeito lê o livro do profeta Isaías enquanto viaja. Seria possível, por conseguinte, a permuta da perífrase verbal por uma forma simples sem que isso pese no sentido fundamental da frase: *e tornaua-se pera sua terra em seu carro, leendo per o liuro da propheta Ysai[a]s* ou *e tornaua-se pera sua terra em seu carro e lia per o liuro da propheta Ysai[a]s*. Relativamente a xxv), será lícito apontar que *ir* funciona, ainda, como verbo de sentido pleno, na medida em que pelo contexto da frase em questão podemos, com efeito, perceber um sentido de “deslocamento em direcção a”, através do uso da preposição *por*: “yam cantando con seu maa emadime~to pella praça da cidade”⁶⁴. Examinamos, por fim, o frag-

⁶⁴ Cf. o excerto xxix) com *vir* + *gerúndio*.

mento xxvi) e comprovamos que este é um exemplo bem visível de como *ir* se encontra já inteiramente gramaticalizado. Neste caso, o verbo auxiliar e o verbo principal são exactamente o mesmo (“uay hindo”), por isso o primeiro *ir* não poderá, nesta estrutura, veicular o sentido de “deslocamento físico de um lugar para outro”, ainda porque, se prestarmos atenção, o complexo em análise situa-se dentro de uma contextura mais alargada que é “uay hindo de mal e~ pior”, uma espécie de estrutura cristalizada⁶⁵ que tem em si mesma um sentido próprio que não é o de “movimentação num espaço concreto e palpável”, mas o de um processo que se desenrola, como vimos nalguns exemplos anteriores, progredindo, num crescendo⁶⁶.

Atentemos, de seguida, na perífrase com *vir* + *gerúndio*. Pelo próprio número de excertos seleccionados, facilmente se comprova que se recorre a este tipo de perífrase com menos frequência do que às perífrases com *andar* e com *ir*. Nos primeiros trechos que seleccionámos e que abaixo reproduzimos, podemos verificar que a perífrase *vir* + *gerúndio* será das que sofreu menos gramaticalização. Observemos os exemplos em questão e vejamos a causa desta afirmação.

xxvii) Mas a alma consente a[a] carne e uaa[n] se pello caminho cha~a~o e perigo-
so, e~ que os demo~es, que som ladro~ees, esbulham o home~ de todollos be~e~s
e o lançom e~ morte perdurauel. Assy como aconceceo a hu~u~ homem rico,
husureyro, que, estando e~na ora da morte, **ueeo a elhe o sacerdote amo[e]stando**
o da saude de sua aalma e disse lhe que tres cousas lhe eram necessarias pera sua
saluaço~, s. que se confessasse co~pridame~te e se doesse dos peccados e
pagasse todo o alheo segu~do seu poder.

OE livro 4/capítulo 31/fólio 91r (Séc. XV)

xxviii) E depois passaram a Spanha e primeirame~te arribarom a Bayona de
Gasconha. E ali souberom do spelho que Spam ma~dara poer na torre de Faro em
que viiam as naves que viinham per mar e pensaro~ en como o podessem
quebra~tar e deshy que entraryam aa terra mais sem sospeita. E juntarom sua frota
em Bayona e veherom junto con hu~a rybeira ataa o cabo e aly ficaro~ emcubertos.
E tomaro~ duas naves e cobriro~nas de rama e **veeronssse chegando**.

CGE capítulo 49 /fólio 18d (Séc. XIV)

⁶⁵ Vide observação sobre sintema *supra*.

⁶⁶ Esta expressão encontra-se cristalizada ainda na actualidade. Veja-se, por exemplo, Guilherme Augusto SIMÕES, *Dicionário de Expressões Populares*, Lisboa, Dom Quixote, 1993, p. 375.

xxix) E, estando elle aa mea nocte chorando ante o loguar de Sam Pedro em oraçom, veo hu~a luz do ceo que toda a egreya alomeou, e~ guisa que as candeas e as lampadas no~ luziam nehu~a cousa, e com aquella claridade conpanha de sanctos, que **uiinham cantando** muy doceme~te, e elle ficou muy espantado.

OE livro 2/capítulo 11/fólio 13v (Séc. XV)

xxx) Qve~ quer q(ue) aia deffenso~ subre algu~a demanda que lli faz seu (con)tendor, se a defensyo~ remata o preyto todo como se fosse p(re)yto que auya co~ seu (con)tendor q(ue) nu~nq(ua) lhy demandasse rre~ aaquel q(ue) o dema~da ou de paga q(ue) aya feyta daquel au(er) q(ue) lhy **ue~ dema~da~do** en iuyzo ou d(e) tempo q(ue) a` gaada a cousa q(ue) lhy demande~ ou out(ra) cousa semellauil, atal deffe~so~ possa parar ante sy p(er) q(ue) se deffenda an(te) q(ue) o juyzo seya fijdo.

FR livro 2/título 10/fólio 97r (Séc. XIII, 1280?)

Nestes três casos, *vir* mantém o seu sentido matricial de “deslocar-se de lá para cá”. Em xxvii), o “sacerdote” deslocou-se de onde estava em direcção a “ele”, admoestando-o⁶⁷; em xxviii), pelo próprio contexto, onde anteriormente surge já o verbo *vir* (“e veherom junto con hu~a rybeira ataa o cabo e aly ficaro~ emcubertos. E tomaro~ duas naves e cobriro~nas de rama e veeronsse chegando”), confirma-se, novamente, o sentido pleno de *vir*, estando activado o sema de “aproximação”; em xxix), sucede, precisamente, o mesmo que acabámos de descrever em relação a xxviii), ainda mais corroborado pelo contexto (“conpanha de sanctos”), fazendo lembrar uma marcha processional. Cremos, todavia, que no último fragmento, xxx), *vir* + *gerúndio* apresenta algum grau de gramaticalização, pelo facto de, naquele contexto, não implicar o movimento físico de “aproximação a” na orientação “de lá para cá”, mas simplesmente de marcar uma continuidade na acção, uma atitude de reforço dessa acção, no intuito de assinalar o arrastamento dessa mesma acção num qualquer período temporal.

Arroladas e analisadas as perífrases verbais com *estar, ser, andar, ir* e *vir* + *gerúndio* em textos antigos, vejamos, seguidamente, de que forma se comportam estas mesmas estruturas num texto do século XX.

⁶⁷ Entendemos este exemplo como sendo uma perífrase verbal com *vir* + *gerúndio*. Temos, no entanto, que referir que também ponderámos tratar-se apenas de dois verbos independentes para duas acções distintas; vejamos: *o sacerdote veio a ele e admoestou-o*; esta hipótese seria possível sem se perder o sentido.

Algumas perífrases verbais com gerúndio numa obra do século XX – usos, sentidos e valores

No intuito de averiguar de que modo se comportam, no português moderno, as perífrases verbais com *gerúndio* de que temos vindo a ocupar-nos, decidimos incluir no nosso estudo alguns fragmentos de um texto do século XX⁶⁸. Vamos, de forma breve, observar e analisar as formas que encontrámos e considerámos convenientes para o nosso propósito. Vejamos, em primeiro lugar, a perífrase *estar + gerúndio*:

xxx1) [...] querer ser a primeira, é certo que imediatamente atrairia os olhares de quem passa ou se mostra na rua, mas esse gosto tão depressa vem, logo é perdido porque, ao abrir-se a janela da casa em frente e nela aparecendo dama que por ser vizinha é rival, desviam-se os olhares de quem **me estiver contemplando**, ciúme que não suporta, tanto mais que ela é mesquinhamente feia e eu divinamente bela, ela tem a boca grande e a minha é um botão [...]

MC/p. 144 (Séc. XX)

Notemos que, tal como nos exemplos de séculos anteriores, a perífrase de *estar + gerúndio*, no troço acima transcrito, veicula um sentido de permanência num estado, o da contemplação. E não esqueçamos que o próprio acto de contemplar poderá evocar a imagem que também o sentido primitivo de *estar* chama a si, o sentido de “ficar de pé”. Mesmo que esta leitura possa parecer abusiva, cremos que, também, neste e no caso que se segue, *estar* não se encontra totalmente desapegado do seu sentido matricial, não podendo, por isso, afirmar-se que *estar* sofreu total gramaticalização. Se existir um grau de gramaticalização, esse será muito pequeno em comparação com as restantes formas verbais em apreço.

⁶⁸ Não é relevante, para o nosso propósito, a escolha entre um texto do século XX ou um texto do nosso século, o XXI, dado que este último é ainda muito incipiente e qualquer exemplo que se escolhesse não poderia dizer-se verdadeiramente do século XXI, mas, ainda, do século XX. Sabemos, perfeitamente, que a evolução da língua não se faz em períodos tão breves de tempo. Deste modo, mesmo um romance dado à luz em 2004, não poderia, do ponto de vista linguístico, ser considerado um exemplo da língua do século XXI. Esta problemática é, também, premente no que respeita a textos de séculos anteriores. O título do artigo de Célia Maria Moraes de CASTILHO, “Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Estruturas sintácticas duplicadas em textos portugueses do séc. XV” – publicado em Rosa Virgínia Mattos e SILVA (Org.), *Para a história do português brasileiro*, Vol. II (Primeiros estudos), Tomo I, São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2001, p. 57-89 – poderá ser denotador daquilo que afirmamos.

Nos trechos abaixo transcritos, temos a perífrase *ir + gerúndio* que transmite um sentido de movimento veiculado pela semântica do próprio verbo que é reforçado com o gerúndio do verbo principal.

xxxii) [...] são levados para fora numa carroça de rodas baixas puxada a seis cavalos, como só para gente real ou de grande título se usa, o que, se não prova a realeza e a dignidade dos touros, **está mostrando** quanto eles são pesados, digam-no os cavalos, aliás bonitos e luzidamente aparelhados, encabuzados de veludo carmesim lavrado, com as mantas franjadas de prata falsa, assim como as cabeçadas e cobertas de pescoço, e **lá vai o touro crivado de flechas, esburacado de lançadas, arrastando** pelo chão as tripas, os homens em delírio apalpm as mulheres delirantes, e elas esfregam-se por eles sem disfarce [...].

MC/p. 94 (Séc. XX)

xxxiii) Cada branco vale meio preto, agora arranjam-se para conseguir entrar no paraíso, por isso é que, um dia, as praias deste jardim, por acaso à beira-mar plantado, estarão cheias de postulantes a enegrecer os costados, ideia que hoje faria rir, alguns nem à praia irão, deixam-se ficar em casa e untam-se com untos vários, e quando saem não os reconhece o vizinho, Que faz aqui este cabra, essa é a grande dificuldade das irmandades de cor, por enquanto **vão saindo** estas, é o que se pode arranjar [...].

MC/p. 147 (Séc. XX)

xxxiv) Desceram Scarlatti e Bartolomeu de Gusmão ao Terreiro do Paço, aí se separaram, o músico foi inventar músicas pela cidade enquanto não eram horas de começar o ensaio na capela real, o padre recolheu a casa, à sua varanda onde se via o Tejo, na outra margem as terras baixas do Barreiro, as colinas de Almada e do Pragal, por aí fora, até, já invisível, à Cabeça Seca do Bugio, que dia luminoso, quando Deus andou a criar o mundo não disse Fiat, se assim fosse teria ficado o mundo todo por igual, uma palavra e basta, mas **foi andando e fazendo** [...].

MC/p. 159 (Séc. XX)

xxxv) Do outro lado do convento, num rebaixo que dava para a encosta, é que eram as ruínas. Havia paredes altas, abóbadas, recantos que se adivinhava serem de celas, bom lugar para passar a noite ao abrigo do frio e das feras. Blimunda, ainda receosa, entrou no breu profundo das abóbadas, apalpou o caminho com as mãos e os pés, temendo cair em algum buraco. Aos poucos, **os olhos foram-se habituando ao negrume**, depois a claridade difusa do espaço recortou os vãos das frestas, assinalando as paredes.

MC/p. 338 (Séc. XX)

No caso dos excertos que apresentamos, *ir* mantém o seu valor primeiro, o de “deslocamento em direcção a”, implicando movimento físico que é re-

forçado, ainda mais, pelo significado dos verbos *arrastar*, *sair*, *andar* e *fazer*. Não podemos, deste modo, afirmar que *ir* se apresenta gramaticalizado nos exemplos xxxii), xxxiii) e xxxiv). No entanto, se observarmos o trecho xxxv), perceberemos que o uso do verbo *ir* convoca já um sentido gramaticalizado e não um sentido enraizado na etimologia da forma verbal em causa. O contexto ajuda ao esclarecimento desse valor, na medida em que “os olhos”, sujeito da frase em causa, não podem caminhar, deslocar-se sozinhos sem o resto do corpo, por isso é possível, ao autor, usar metaforicamente a perífrase como o faz neste trecho: “Aos poucos, os olhos foram-se habituando ao negrume”. O verbo *ir* perdeu o seu sema “deslocar-se de um lugar para outro” para, no conjunto verbal, expressar um valor de progressão, de crescendo relativamente a um estado.

Olhemos, agora, para o fragmento que se segue onde surge a perífrase *andar* + *gerúndio* e vejamos como *andar* não se apresentará totalmente gramaticalizado.

xxxvi) Já **andam os lavradores lavrando**, vão para o campo mesmo debaixo de chuva, a leiva cresce da terra húmida como saem as crianças lá donde vêm, e, não sabendo gritar como elas, suspira ao sentir-se rasgada pelo ferro, e deita-se de lado, luzidia, oferecendo-se à água que continua a cair, agora muito devagar, quase poalha impalpável, para que não se perca a forma do alqueive, terra encrespada para o concheço da seara.

MC/p. 68 (Séc. XX)

Se pensarmos que para lavrarem a terra os lavradores terão de se movimentar, podendo deslocar-se às voltas no campo, conseguimos vislumbrar, ainda, o sentido matricial de *andar*. Não obstante, podemos também entender este “andar” não como um “movimentar-se, caminhando, dando passos”, mas, com o mesmo sentido que víamos aquando da análise das perífrases com *andar* + *gerúndio* nos textos mais antigos, por exemplo, em ix), onde observámos que as acções implicadas não se desdobravam em dois actos distintos. O mesmo sucede nesta situação: não se trata de “andar e de lavar”, mas de “andar lavrando” ou, poderíamos dizer, de *estar lavrando*. Assim, na perífrase em estudo, o verbo *andar* apresentará um grau de gramaticalização que não é ainda completo, mas que poderá desenvolver-se nessa direcção.

Foquemos, de imediato, os troços que recolhemos, onde surge o complexo verbal com *vir* + *gerúndio*.

xxxvii) Equilibrada a contagem, desinteressa-se Deus dos funerais, por isso em Mafra foi só um anjinho a enterrar, como a tantos outros sucede, mal se dá pelo

acontecimento, mas em Lisboa não podia ser assim, foi outra pompa, saiu o infante da sua câmara, metido no caixãozinho que os conselheiros de Estado levavam, acompanhado de toda a nobreza, e ia também el-rei, mais os irmãos, e se ia el-rei seria por dor de pai, mas principalmente por ser o falecido menino primogénito e herdeiro do trono, são as obrigações do protocolo, **vieram descendo** até ao pátio da capela, todos de chapéu na cabeça, e quando o caixão foi colocado nas andas que o haviam de transportar, descobriu-se el-rei e pai, e, tendo-se descoberto e coberto outra vez, voltou para o paço, são as desumanidades do protocolo.

MC/p. 101 (Séc. XX)

xxxviii) Quase trinta metros de altura será a queda, e dela morrerá, e esta Inês Antónia, por ora tão orgulhosa do favor de que goza o seu homem, tornar-se-á numa viúva triste, ansiosa se lhe cairá agora o filho, pobre. Diz mais Álvaro se mudarão os noviços para duas casas já construídas por cima da cozinha, e, a propósito desta informação, lembrou Baltasar que, estando os rebocos ainda tão húmidos e correndo tão fria a estação, não iriam faltar doenças aos frades, e Álvaro Diogo respondeu que já havia braseiros ardendo noite e dia dentro das celas acabadas, mas que, mesmo assim, a humidade escorria pelas paredes, E as estátuas dos santos, Baltasar, deram muito trabalho a trazer, Nem por isso, o pior foi carregar, depois, com jeito e força, mais a paciência dos bois, **viemos andando**.

MC/p. 322 (Séc. XX)

Em ambos os casos, *vir* ostenta, no conjunto verbal, o seu sentido primeiro, de “movimentar-se em direcção ao sujeito do enunciado”. Em xxxvii), toda a descrição que envolve a acção de “vieram descendo” aponta para esse sentido de *vir*. Recorremos ao mesmo argumento que usámos atrás neste estudo, aquando da análise dos excertos xvi), xvii), xviii) e xix), relativos a textos de fases pretéritas da língua portuguesa, com perífrase verbal com *ir* + *gerúndio*. Neste caso, cremos, também, que no composto verbal em causa o valor essencial é aquele que é intrínseco a *vir* (“movimento em direcção ao sujeito da enunciação”⁶⁹), verbo auxiliar de *descer* e *andar*, os quais envergam a for-

⁶⁹ Não o havíamos referido, ainda, mas parece-nos a propósito a observação de que será, com efeito, relevante, para a distinção dos sentidos de *ir* e de *vir*, a existência de um ponto de referência, de uma perspectiva. Esse ponto de referência, cuja perspectiva é sumamente pertinente, é um sujeito enunciator, ponto fulcral para essa diferenciação, pois só assim é possível perceber verdadeiramente o sentido de *ir* e o sentido de *vir*, na medida em que ambos implicam “movimento de um determinado local para outro”. A disjunção de sentidos é feita, precisamente, partindo desse sujeito enunciator: *ir* implica movimento a partir desse ponto de referência, afastando-se dele, e *vir* envolve movimento para esse ponto de referência, aproximando-se dele. Fazemos este reparo, pelo facto de, mormente, nos excertos que apresentamos para a perífrase com *vir* + *gerúndio*, termos de partir do princípio que existe esse sujeito enunciator que, factual ou ficticiamente, serve, com efeito, de ponto de referência, desenrolando-se a acção em função dele.

ma de *gerúndio*, especificando o modo como se activa esse valor de *vir*: “vieram descendo”; “viemos andando”. O contexto, mais uma vez, serve de argumento para a leitura proposta, dado que alguns dos seus constituintes apontam, efectivamente, para a leitura prima de *vir*: no excerto xxxvii), o verbo *sair* em “saiu o infante da sua câmara”; o verbo *levar* e *ir* em “levavam, acompanhado de toda a nobreza, e ia também el-rei” e o verbo *transportar* em “o caixão foi colocado nas andas que o haviam de transportar” e, no extracto xxxviii), o verbo *trazer* em “E as estátuas dos santos, Baltasar, deram muito trabalho a trazer”. Note-se como neste último caso o verbo *trazer* consolida, ainda mais, o nosso raciocínio relativamente ao que atrás afirmámos acerca de *vir* e de *ir*. Tal como *vir* se poderá parafrasear como “movimento em direcção ao sujeito do enunciado”, também *trazer* se poderá explanar deste modo, em oposição, por exemplo, a *levar* que melhor se coadunará com a paráfrase que apresentámos para o verbo *ir*.

~~~~~

Chegamos ao cabo deste breve estudo ao longo do qual tentámos fazer um percurso através das chamadas perífrases verbais com *gerúndio*. Dentro das possibilidades existentes, escolhemos os verbos *estar*, *ser*, *andar*, *ir* e *vir* por nos terem parecido, de antemão, aqueles que ocorreriam com maior frequência, facto que se confirmou com o desenrolar das nossas leituras e da nossa investigação. Deste modo, atentemos nos aspectos que cremos de importância evidenciar, à guisa de conclusão. No que concerne à perífrase verbal com *estar* + *gerúndio*, importa ressaltar que esta terá, desde muito cedo<sup>70</sup>, adquirido o valor que ainda hoje lhe reconhecemos, que nos parece ser, em grande parte dos casos, um valor de permanência em que a acção descrita é apresentada no seu desenvolvimento, numa determinada extensão de tempo ou no seu decorrer em simultâneo com outra acção<sup>71</sup>. Em nosso entender, o verbo *estar*, na maioria dos contextos, ter-se-á, também precocemente, despegado do seu sentido primitivo de “ficar de pé”, ou seja, muito precocemente se terá gramaticalizado. A perífrase com *ser* + *gerúndio* apresentará, genericamente,

<sup>70</sup> Segundo Alicia YLLERA “[...] la perífrasis [*estar* + *gerundio*] se constituye plenamente en la prosa del XIII, momento en el que surgen o se consolidan sus empleos hoy más frecuentes [...]”. *Vide ob. cit.*, p. 47.

<sup>71</sup> *Vide* esquema na p. 14 do nosso estudo.



usos aproximados aos usos de *estar* + *gerúndio*, também desde muito cedo<sup>72</sup>, prolongando-se essa proximidade até aos nossos dias; o que facilmente se comprova se tivermos em consideração os usos sincrónicos que fazemos de *ser* e *estar* nas diversas construções onde estes podem aparecer como auxiliares. Por vezes, porém, parece-nos difícil distinguir qualquer cambiante de sentido nos usos sincrónicos destas duas formas. Aventamos a hipótese de, na perífrase *ser* + *gerúndio*, *ser* não ter sofrido gramaticalização ou pelo menos não a ter sofrido em elevado grau. Isso explicará, em parte, o facto de, pelo que fomos verificando ao longo da nossa pesquisa e até pelos escassos exemplos que conseguimos reunir, o complexo verbal *ser* + *gerúndio* não ter sido muito usado e, por esse motivo, ter sido, desde cedo, destronado pelo composto *estar* + *gerúndio* que abria as portas a um maior leque de sentidos, na medida em que terá sofrido um maior grau de gramaticalização<sup>73</sup>.

No respeitante à perífrase verbal com *andar* + *gerúndio*, em confronto com os compostos *ir* e *vir* + *gerúndio*, parece-nos ser aquela que, depois de ter sofrido gramaticalização<sup>74</sup>, terá sido mais usada e, sincronicamente, o seu uso continua a ser talvez o mais recorrente. Foi-nos permitido verificar, embora, admitimo-lo, a nossa amostra seja pequena, que *andar* terá sido muito usado com verbos de movimento ou em contextos que veiculem essa ideia; lem-

<sup>72</sup> Alicia YLLERA, referindo-se ao verbo *ser*, diz: “En el siglo XIII se dibuja ya el empleo análogo al de *estar* en la lengua moderna como ocurría también en el caso de este auxiliar. Alterna en un gran número de construcciones con *estar*”. Cf. ob. cit., p. 48.

<sup>73</sup> Socorremo-nos, novamente, das palavras de YLLERA: “Seer + gerundio, documentado ya en el *Cid* aunque en minoría frente a *estar*, alcanza un desarrollo relativo en el siglo XIII, apareciendo en las mismas construcciones que *estar* y con idéntico valor. Pero su empleo cae en desuso a finales del siglo XIII o principios del XIV; en este siglo sólo aparecen raros ejemplos en verso, la prosa lo ha abandonado definitivamente”. Tomamos esta última observação para reforçar que na literatura, em prosa ou em verso, quando se pretende um efeito estético diferente e até, atrevemo-nos a afirmá-lo, arcaizante, se recorre ao uso de *ser* em detrimento de *estar*. Vejamos os exemplos que se seguem: “E a outra sacudiu o seu (facho) sobre as duas cidades, e súbito no lugar, onde elas foram, estavam dois montões de ruínas” (A. Herculano); “Todas as terradas que eram no ancoradoiro” (Filinto Elísio); “Fiel ao que prometo, num instante, qual voa o pensamento, aqui de volta *serei*, trazendo à mão as tuas naves” (Porto Alegre); “Tomou um trote e *sendo* sobre a atalaia do Barroso viu que levavam grande dianteira” (A. Garrett); “Muito há que eu devera *ser* cá, não é assim?”; “Pelo seu conto enfim de pérfidas promessas...! amanhã lá *serei* no prazo dado” (F. Castilho); “Ia que nam sabiam o novo amor que só consigo tem respeito, e assi se foram përa Almina por *serem* presentes em seu parto” (J. Ferreira de Vasconcelos), entre outros. Confrontem-se os exemplos apresentados em António de Morais SILVA, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, [Lisboa], Editorial Confluência, 10ª ed., 1949, vol. X, p. 92.

<sup>74</sup> Segundo R. SPAULDING não existem ocorrências verdadeiramente perífrásticas de *andar* + *gerúndio* até ao século XIV. *Apud* Alicia YLLERA, ob. cit., p. 82.

bremos os seguintes exemplos: “andou buscando”; “anda juntando”; “and’el trabalhando”; “andaua~ uoa~do”; “andauo~ pesca~do”; “ande vaguejando”<sup>75</sup>. Podemos, ainda, perceber que *andar* poderá, em muitos contextos, ser substituído por *estar* em situação perifrástica, sem que isso afecte o sentido fundamental dos enunciados. Substituamos, como prova, nos exemplos acima transcritos, o verbo *andar* pelo verbo *estar*: *esteve buscando*; *está juntando*; *está ele trabalhando*; *estavam voando*; *estavam pescando*; *esteja vagueando*. É possível que, num ou noutra contexto, se verifique uma leve diferença na tonalidade do sentido, por exemplo, no *carácter actualizador* que *estar* possui, na medida em que evoca “o aqui e o agora” que não é possível com *andar*. Este emite uma ideia de arrastamento da acção, a qual pode vir-se desenrolando já desde um passado mais ou menos distante ou prolongar-se até um ponto indeterminado no futuro. No entanto, reforçamo-lo, esses matizes não afectam o sentido de forma essencial. Actualmente, na perífrase com *andar* + *gerúndio*, o verbo *andar* encontra-se altamente gramaticalizado e serão já raros os contextos onde poderemos encontrá-lo, em composto verbal, com o seu sentido efectivo de “deslocar-se”.

Relativamente a *ir* + *gerúndio* diz Menéndez Pidal<sup>76</sup>:

“*Ir* + gerundio está documentado en la baja latinidad y es la perífrasis común a un mayor número de lenguas románicas occidentales. Es la más empleada en los textos primitivos, especialmente en la épica y mester de clerecía. Desde el *Cid* aparece en diversos giros con un valor más general que el de movimiento orientado hacia un lugar, “andar, haber, existir.”

Pudemos aferir, efectivamente, ao longo da pesquisa que viemos fazendo, que existe um maior recurso às perífrases com *ir* + *gerúndio*. Porém, parece-nos que o seu uso será, por vezes, meramente enfático e não aduzirá um valor essencial ao enunciado, dado que, à semelhança de *andar*, ocorre, frequentemente, com verbos de movimento: “forom descendendo”; “foi correndo”; “hia buscando”; “hyr conquerendo”<sup>77</sup>. Vejamos como seria possível substituir a perífrase verbal pela forma simples: *desceram*; *correu*; *buscava*; *conquistar*<sup>78</sup>. Note-se que o sentido que se perde com esta substituição não é o de movimento, mas o de “continuidade”, “duração”, “progressão” que é conferido ao verbo

<sup>75</sup> Vide exemplos inclusos nos excertos da secção II a) do presente estudo.

<sup>76</sup> *Apud* Alicia YLLERA, ob. cit., p. 57.

<sup>77</sup> Vide exemplos inclusos nos excertos da secção II b) deste estudo.

<sup>78</sup> Para um melhor entendimento, integrem-se as expressões no seu contexto original. Cf. secção II b) deste estudo.

principal pelo *gerúndio*, o que prova que, nestes casos, é possível, com efeito, que *ir* surja de forma pleonástica. No entanto, *ir* poderá ocorrer já de forma metafórica, o que indicará um processo de gramaticalização, na medida em que o seu significado próprio está totalmente ausente: “foy crescendo”; “hya envelhecendo”; “vam-s’ acordando”; “hya lendo”; “yam cantando”<sup>79</sup>. No composto *ir* + *gerúndio*, o verbo *ir*, hodiernamente, apresenta-se quase sempre gramaticalizado, à excepção de quando ocorre com verbos de movimento em que adquire um papel redundante do ponto de vista da informação útil a transmitir pelo conjunto.

Quanto ao conjunto verbal *vir* + *gerúndio*, pudemos perceber, inclusivamente, pelos exemplos que recolhemos, que será, por contraste com as perífrases com *andar* e *ir* + *gerúndio*, aquela a que mais raramente se recorrerá, pelo menos quando *vir* mantém na perífrase o seu significado profundo de “deslocamento no espaço físico em direcção a um sujeito enunciador”. Acreditamos que *vir* se terá gramaticalizado muito cedo, pelo facto de, mais do que um “movimento no espaço físico”, o verbo *vir* aduzir à perífrase verbal um sentido de progressão temporal, mais do que física e espacial; observe-se: “ue~dema~da~do” em “aaquel q(ue) o dema~da ou de paga q(ue) aya feyta daquel au(er) q(ue) lhy **ue~ dema~da~do** en iuyzo ou d(e) tempo q(ue) a’ gaada a cousa q(ue) lhy demande~ ou out(ra) cousa semellauil”<sup>80</sup>. Contudo, cremos que, nos nosso dias, o uso de *vir* + *gerúndio* se distribuirá quase equilibradamente pelo sentido associado ao significado de *vir*, enquanto verbo pleno, implicando “deslocamento e aproximação no espaço físico” e pelo sentido metafórico que implica “progressão e aproximação no tempo”.

Havendo caminhado, consideravelmente, por entre as linhas e as entrelinhas de alguns textos do passado, situados entre os séculos XIII e XVI, e passando por uma obra do século XX, deixamos para trás aqueles sentidos e valores que conseguimos retirar dos usos das perífrases *estar, ser, andar, ir* e *vir* + *gerúndio*<sup>81</sup>, numa investigação que consideramos o tubo-de-ensaio de uma pesquisa que merecerá um maior desenvolvimento e maturação, na crença de que seria objecto de um estudo muito desafiante o levantamento e a posterior comparação das *perífrases verbais com gerúndio* com as *perífrases verbais com preposição (a) + infinitivo*.

<sup>79</sup> Vide exemplos incluídos nos excertos da secção II b) deste estudo.

<sup>80</sup> *Idem*.

<sup>81</sup> Através dos exemplos que escolhemos e partindo de toda a reflexão que fomos urdindo ao longo deste estudo, podemos comprovar a lentidão com que ocorrem muitos processos evolutivos e a presença, em determinada fase, de usos sucessivos, isto é, a memória da língua.